

# SERNEGRA

II Semana de Reflexões sobre  
**Negritude, Gênero e Raça**

CADERNO DE RESUMOS



# SERNEGRA

II Semana de Reflexões sobre  
**Negritude, Gênero e Raça**

CADERNO DE RESUMOS

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília

Novembro de 2013  
Brasília - DF

## Realização

### Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília

**Reitor**                      **Coordenação de Publicações**  
Wilson Conciani            Juliana Rocha de Faria Silva

**Pró-Reitor de Ensino**        **Produção Executiva**  
Adilson César Araújo      Sandra Maria Branchine

**Pró-Reitor de Extensão**      **Diagramação e Projeto Gráfico**  
Giano Luis Copetti          Dianne Freitas  
Jandecleidson Monteiro daSilva

**Pró-Reitora de Pesquisa e Inovação**  
Luciana Miyoko Massukado    **Revisora**  
Jacqueline Fiuza da Silva Regis

**Pró-Reitora de Administração**  
Simone Cardoso dos Santos Penteado

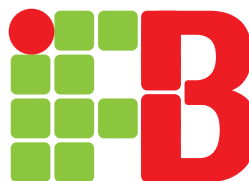
**Pró-Reitora de Desenvolvimento Institucional**  
Rosane Cavalcante de Souza

**Direção-Geral IFB – Campus Brasília**  
Gustavo Filice de Barros

**Direção de Ensino Pesquisa e Extensão IFB – Campus Brasília**  
Patrícia Albuquerque

**Direção de Administração IFB – Campus Brasília**  
Wilk Wanderley de Farias

#### EDITORA



Reitoria - SGAN Quadra 610, módulos D, E, F e G  
C.E.P.: 70860-100 Brasília – DF  
[www.ifb.edu.br](http://www.ifb.edu.br)  
Fone: +55 (61) 2103-2108  
[editora@ifb.edu.br](mailto:editora@ifb.edu.br)

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária  
Lara Batista Botelho CRB - 2434

S612s      Simpósio da Semana de Reflexões sobre Negritude, Gênero e Raça (2. : 2013: Brasília, DF)

Sernegra: caderno de resumos/ [Glauco Vaz Feijó, Polyanna Maria Ribeiro Alves Martins, organizadores]. \_ Brasília : Editora do IFB, 2013.  
95 p. : il. ; 29,7 cm.

ISSN 2318-6720

1. Feminismo negro. 2. Gênero e raça – políticas públicas. 3. Étnica. 4. Estética. 5. Diásporas negras. 6. Literatura negra – Brasil. 7. Literatura africana. 8. Administração – políticas públicas. 9. Negritude. 10. Dissidência sexual e de gênero. 11. Mídia e racismo. 12. Arte e identidades negras. 13. Gênero e raça – experiência social. 14. Negritude – Gênero e raça – Análise de Discurso. I. Feijó, Glauco Vaz, org. II. Martins, Polyanna Maria Ribeiro Alves, org. III. Título.

CDU 305:316.356.4

# SERNEGRA

II Semana de Reflexões sobre  
**Negritude, Gênero e Raça**

CADERNO DE RESUMOS

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília

Novembro de 2013  
Brasília - DF

## **II Semana de Reflexões sobre Negritude, Gênero e Raça**

### **Coordenação-Geral**

Glauco Vaz Feijó

Pollyana Maria Ribeiro Alves Martins

### **Equipe Organizadora**

Lidiane Silva Ramos

Ana Carolina de Albuquerque Costa

### **Comitê Científico**

Ana Cláudia Jaquetto Pereira

Bruna Cristina Jaquetto Pereira

Fernando Cezar Melo de Oliveira

Glória Maria Santiago Pereira

Jacqueline Fiuza da Silva Regis

Jaqueline Gomes de Jesus

Kelly Tatiane Martins Quirino

Luciana da Luz Silva

Marjorie Nogueira Chaves

Nelma Cristina Silva Barbosa

Renísia Cristina Garcia Filice

Rosilene Silva da Costa

Ruth Meyre Rodrigues

Tatiana Henrique Silva

Tatiana Nascimento dos Santos

Wanderson Flor do Nascimento

### **Grupo de Estudos Culturais sobre Classe, Gênero e Raça**

- 7 APRESENTAÇÃO E AGRADECIMENTOS**
- 11 PROGRAMAÇÃO COMPLETA**
- 15 SEÇÃO TEMÁTICA 01 - Feminismo negro na encruzilhada afro-brasileira: interseccionalidade, diálogos e horizontes**
- 21 SEÇÃO TEMÁTICA 02 - Gênero e raça nas políticas públicas**
- 29 SEÇÃO TEMÁTICA 03 - Étnica e estética: o diálogo entre as tradições afrodescendentes e as linguagens artísticas**
- 33 SEÇÃO TEMÁTICA 04 - Diásporas negras no contexto latino-brasileiro: fluxos identitários, gênero e globalização**
- 39 SEÇÃO TEMÁTICA 05 - Literaturas Africanas e Literatura Negra Brasileira: crítica e ensino**
- 45 SEÇÃO TEMÁTICA 06 - Gestão de Políticas Públicas: a transversalidade de gênero, raça e classe**
- 49 SEÇÃO TEMÁTICA 07 - Entrecruzamentos de negritudes, dissidência sexual e de gênero: a própria casa da diferença**
- 55 SEÇÃO TEMÁTICA 08 - Mídia, racismo e representações sociais**
- 63 SEÇÃO TEMÁTICA 09 - Questões de gênero e de raça na Rede Federal de Educação Tecnológica: políticas e ações de gestão, ensino, pesquisa e extensão**
- 67 SEÇÃO TEMÁTICA 10 - Arte e identidades negras**
- 73 SEÇÃO TEMÁTICA 11 - Corpos plurais: gênero, raça e experiência social**
- 79 SEÇÃO TEMÁTICA 12 - Análise de Discurso Crítica e reflexões sobre negritude, gênero e raça**
- 83 ORGANIZAÇÃO DAS SEÇÕES TEMÁTICAS**



# APRESENTAÇÃO E AGRADECIMENTOS





Por que mais um encontro de reflexões sobre relações de gênero e raça? Essa pergunta nos vem à cabeça na semana do formidável “Fazendo Gênero” que em sua 10ª edição parece ter reunido “umas cinco mil pessoas na ilha”, segundo relato empolgado de uma das participantes também do SERNEGRA. Por quê?

Porque, segundo dados da ONU, 70% das mulheres sofrem algum tipo de violência durante a vida devido a sua condição de gênero. Porque “mulheres de 15 a 44 anos correm mais risco de ser vítima de estupro e violência doméstica do que de câncer, acidentes de carro, guerra e malária”. Porque o estudo “Violência contra a mulher: feminicídios no Brasil” acaba de denunciar que entre 2009 e 2011 o Brasil registrou 16,9 mil feminicídios (mortes de mulheres por conflito de gênero), sendo que 61% dos óbitos foram de mulheres negras. Porque sabemos disso mesmo sem esses números, pois somos, a maioria de nós testemunhas desses números, vítimas diretas ou indiretas. Quem entre nós não conhece de muito perto uma mulher que já sofreu violência sexual em algum momento de sua vida?

Porque, segundo o Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil, em 2012, 4.851 vítimas de violência homofóbica registraram as agressões sofridas, número que, sabemos, é a ponta de um iceberg de violações submerso em um trágico oceano de desumanidade. Porque apesar dos avanços consideráveis conquistado na última década, segundo o informe anual de 2012 da Anistia Internacional, a violência fatal contra nossos jovens continua atingindo “desproporcionalmente” a população jovem negra.

Porque muitos de nós ainda acreditamos que não somos racistas. Porque muitos de nós ainda achamos que as médicas cubanas recém-chegadas têm cara de empregadas domésticas e porque muitos de nós ainda não conseguimos descobrir “onde guardamos nosso racismo”, esse é mais um espaço para nos ajudar a revirar, encontrar e jogar fora todas essas misérias que nos afetam e da qual nenhum de nós está inteiramente livre.

Então razões não nos faltam e por isso inauguramos mais esse lugar de reflexões, que pretensiosamente se pretende também um espaço de trocas acadêmicas, mas mais que um espaço de trocas acadêmicas. Queremos ser um tempo de experiências e um lugar de possibilidades de reencontro de nossa humanidade perdida, de enfrentamento de nossos monstros. Queremos ser mais um espaço dos milhares ainda urgentes até que possam, um dia, deixar de ser necessários. Pela possibilidade de pretendemos ser tudo isso, agradecemos a todxs que generosamente nos ajudaram nesse desafio - citamos a seguir apenas alguns dos nomes.

Às coordenadoras das seções temáticas e autores e autoras das comunicações abaixo resumidas, que deram vida a esse evento; a Carmen Luz, Jocélio Teles dos Santos, Ângela Nascimento, Neide Diniz, Joel Zito Araújo, Rosane Borges e Breitner Tavares, que com seus aceites e intermediações possibilitaram os momentos de reflexão coletiva desse nosso encontro; aos grupos e artistas que nos presentearam com suas apresentações, exposições e oficinas; aos colegas Sandra Mara Tabosa e Luiz Daniel Junqueira; ao Diretor do Campus Brasília, Gustavo Filice, que atendeu prontamente cada uma de nossas solicitações; ao Pró-reitor de Extensão do IFB, Giano Luis Copetti, que nos ofereceu o apoio material indispensável; ao SINASEFE-SSB, ao IBASE e à Fundação Palmares, que nos apoiaram de diferentes formas; à Livraria Cultura e ao Cine Brasília pelos espaços para a abertura e o encerramento do evento; a Rosa Coimbra pela ajuda pontual e fundamental, nossa gratidão!

*Ana Carolina Albuquerque, Glauco Feijó, Lidiane Ramos & Pollyana Maria Martins*



# PROGRAMAÇÃO COMPLETA



**Domingo, 17 de novembro**

**17h30** – Cerimônia de abertura

**17h45** – Exibição do documentário “Raça – Um filme sobre igualdade”

**19h30** – Debate com o diretor do filme, Joel Zito Araújo

**Local:** Cine Brasília

**Segunda-feira, 18 de novembro**

**09h00** – Simpósio SERNEGRA – Seções de Comunicação

**Local:** Salas do Campus Brasília

**14h00** – Oficinas de Afrohouse e Break com BSB Girls, Oficina de Percussão e Oficina “Ginga menina, dança menino: gênero na capoeira e no maculelê”, Jongo; Corpo malemolente, batidas envolventes

**Local:** Salas de dança e jardins do Campus Brasília

**15h00** – Visita guiada ao Congresso Nacional

**18h45** – Performance: “No espelho não sou eu”

**19h00** – Mesa-redonda de abertura do Simpósio SERNEGRA: “10 anos de cotas”

**Debatedores:** Jocélio Teles dos Santos (UFBA) e Ângela Nascimento (SEPPIR)

**Moderadora:** Renísia Cristina Garcia (UnB)

**Local:** Auditório do Campus Brasília

**Terça-feira, 19 de novembro**

**09h00** – Diálogos Formativos “Culturas negras e educação”

**Debatedores:** Rosane Borges (CNIRC-Fundação Palmares) e Breitner Tavares (UnB)

**Moderação:** Adilson César de Araújo (Pró-reitor de Ensino do IFB)

**Local:** Auditório do Campus Brasília

**14h00** – Simpósio SERNEGRA – Seções de Comunicação

**Local:** Salas do Campus Brasília

**18h45** – Performance: “A carne”

**19h00** – Exibição do documentário “Um filme de dança”

**20h00** – Debate com a diretora do filme, Carmen Luz

**Local:** Auditório do Campus Brasília

**Quarta-feira, 20 de novembro**

**09h00** – Simpósio SERNEGRA – Seções de Comunicação

**Local:** Salas do Campus Brasília

**09h00** – Simpósio SERNEGRA – Minicursos

**Local:** Salas do Campus Brasília

**13h00** – Buffet Afro (almoço de confraternização)

**Local:** Pátio do Campus Brasília

**19h30** – Encerramento: Espetáculo performático Pentas (Grupo Embarça)

**Local:** Teatro Eva Herz – Livraria Cultura – Shopping Iguatemi



# SEÇÃO TEMÁTICA 01

## Feminismo negro na encruzilhada afro-brasileira: interseccionalidade, diálogos e horizontes

Coordenação: Jaqueline Gomes de Jesus (UnB)

*Feminismo Negro designa um movimento político e intelectual no qual são repensadas as experiências e condições de vida de pessoas negras a partir de uma perspectiva feminista. O Feminismo Negro identificou quando de seu surgimento, nos anos 70 do século XX, que, ao não levar em conta a interseção entre raça e gênero, o feminismo tradicional não considerava as particularidades das mulheres negras, ou sequer as reconhecia como mulheres. O Feminismo Negro reavaliou as políticas feministas de um ponto de vista afrocentrado, defendendo dois pontos fundamentais para a crítica ao feminismo tradicional, mas também para o desenvolvimento de outros feminismos, ditos interseccionais: (1) a natureza simultaneamente operacional e interligada das opressões; e (2) a experiência de vida e o conhecimento acumulado pelas mulheres negras como elemento central para os debates e ações feministas. A presente Seção Temática tem por objetivo trazer à baila um debate sobre como o feminismo negro tem sido apropriado e reelaborado como conceito e prática na realidade afro-brasileira. Serão acolhidos, entre outros, trabalhos que abordem a natureza operacional e interligada das opressões; a interseccionalidade de gênero, raça, orientação sexual, idade, origem, habilidades físicas e outras dimensões da diversidade; mulheres negras em movimentos feministas; gênero como conceito supremacista-desgenerização na Diáspora; quilombismo e feminismo: diálogos possíveis; experiência de vida e de lutas de mulheres negras; auto-representação de homens negros; e auto-definição, saúde, família, maternidade, liderança comunitária, política sexual na sociedade dominante e no contexto das relações interpessoais de mulheres negras.*





**“ESCRITA DE SI, ESCRITA DA OUTRA”: CRISTIANE SOBRAL E LÍVIA NATÁLIA***Ana Caroline Carmo Silva (Uneb)*

Dentre as inúmeras representações de mulheres contidas na sociedade, surge das águas de azeviche a escrita das poetisas Cristiane Sobral e Lívia Natália. Pretende-se no presente artigo analisar dois dos seus poemas, a saber: “Não vou mais lavar os pratos” e “Água Negra”, a fim de investigar como se constitui o *modus operandi* dessas mulheres com o texto poético. A poeta brasileira reivindica a liberdade ao utilizar o eu-lírico para construir “poemas-navalhas” capazes de alcançar o mais fundo da alma do ser, ao passo que a poeta baiana Lívia Natália, com a metáfora da água, convoca o leitor a um mergulho ensimesmado, capaz de despertar um leitor atento às suas questões íntimas, existências, de militância, etc. Enfim, a poética destas, cada uma com suas peculiaridades, (re)afirma a identidade da mulher negra, problematiza estereótipos forjados em torno das representações da mulher negra, deslocando assim as imagens engendradas na historiografia literária brasileira. Para nortear essa análise será usado como aporte teórico Bourdieu (1999), Fanon (2008), Hall (2005), Moscovici (2012) e Silva (2011), entre outros.

**FEMINISMO NEGRO***Douglas Alves Viana (UFG)*

O presente trabalho faz uma análise das formas como a sociedade patriarcal e racista perpassaram a vida de Lévia Gonzales e Beatriz Nascimento, tendo como fonte principal os livros “Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento” (Ratts, 2006) e “Lélia Gonzales” (Ratts, 2010). Como estas não só resistiram ao embranquecimento imposto pelos meios sociais que formam “a torre de marfim” que era universidade brasileira, como também reexistiram, passando por crises, revisitando por vezes a infância e adolescência, revendo os meios como a “estética da brancura” foi ao longo de suas vidas colocada como elemento de destruição de seus corpos e memórias enquanto mulheres negras. Se constituindo durante esse processo enquanto intelectuais negras, marcadas pelo feminismo negro, que faz a interseção entre raça e gênero se tornando ambas importantes pesquisadoras e líderes responsáveis por impulsionar a luta anti-racista no Brasil. Buscamos identificar a partir daí, as formas como se deu esse enfrentamento e os ensinamentos que essas mulheres negras deixam sobre as sinuosidades do racismo brasileiro, os meios sutis que muitas vezes são utilizados para embranquecer o negro que sai de seu lugar, “lugar de negro” e adentra a universidade brasileira pensada por e para as elites.

**DEVANEIOS DE UMA APRENDIZ DE ANTROPOLOGIA***Francy Eide Nunes Leal (UFG)*

Fiquei por longos dias pensando como começar a escrever este texto, muitas vezes o medo encontrava lugar, como escrever sobre um tema que apesar de próximo eu o desconhecia teoricamente? Como ousar dialogar com as feministas que publicaram no final da década de 1980: Scott, Haraway (1991), Butler (2003)? Quando me aproximei da discussão sobre gênero e sexualidade, a bagagem que carregava sobre o tema era mínima; cabia em poucas palavras, conhecia os escritos de Lévis-Strauss, Margaret Mead, Pierre Clastre, a antropologia clássica de cada dia. Até então era satisfatório, dava conta de ler a realidade do meu campo. No decorrer da disciplina Gênero e Sexualidade, percebi como esse universo era amplo e complexo para uma aprendiz de antropologia tão obstinada a pesquisar religiosidade a partir do ritual; tantos conceitos: gênero, sexo, sexualidade que se encontram numa arena política e discursiva marcada por segmentações. Novamente vinha à cabeça, como escrever sobre um tema que não domino e sobre o qual não tenho autoridade discursiva? Encontrei em meio a tantos textos uma carta escrita por uma amiga chicana, palavras marcantes bordadas de poesia. Foram essas palavras que me encorajaram a dar os primeiros passos na escrita: “Escrever é perigoso porque temos medo do que a escrita revela: Os medos, as raivas, a força de uma mulher sob uma opressão tripla ou quádrupla. Porém neste ato reside nossa so-

brevivência, porque uma mulher que escreve tem poder. E uma mulher com poder é temida.” (Andazalduá p.234). Escrever é perigoso? Essa frase me causou inquietação fiquei digerindo-a por longas horas, escrever é perigoso realmente, mas o perigo maior é silêncio. Eu, como um pequeno pedaço do Vale do Jequitinhonha, atrevi-me a mergulhar na antropologia, usei, como tantas mulheres de “cor” dessa região, transformar barro em arte, palavras em canções. Nesse trabalho me aproprio do poder das palavras para escrever sobre mulheres quilombolas no Norte de Minas Gerais, mulheres de “cor” como eu e tantas outras brasileiras; brancas, parda, negras, indígenas, ribeirinhas, agricultoras, operárias, domésticas, casadas, solteiras, lésbica, viúvas, escolarizadas ou não.

### **SER MULHER, NEGRA E CLASSE TRABALHADORA NO BRASIL: UMA ANÁLISE ACERCA DA INTERSEÇÃO DE GÊNERO, RAÇA E CLASSE NA SOCIEDADE CAPITALISTA**

*Jussara de Cássia Soares Lopes (UFOP)*

A proposta deste trabalho é debater sobre como gênero, raça e classe se interseccionam, funcionando como mecanismos de acirramento das opressões no âmbito da sociedade capitalista. A reflexão se faz necessária e, no caso brasileiro – foco de análise deste estudo – é imprescindível levar em consideração a formação sócio-histórica do país, bem como seus rebatimentos na contemporaneidade, que resulta em uma realidade particularizada em vários aspectos. Assim, nossa reflexão é uma tentativa de problematizar o que significa ser mulher, negra e classe trabalhadora no Brasil, apontando para a importância de se pautar as opressões extraeconômicas na luta por uma sociedade emancipada.

### **DESLOCAMENTOS E ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA EM PONCIÁ VICÊNCIO, DE CONCEIÇÃO EVARISTO, E HIBISCO ROXO, DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE**

*Maria Aparecida Cruz de Oliveira (UnB)*

Este trabalho se ocupará da verificação do modo como o espaço de resistência feminista é marcado nos romances contemporâneos “Ponciá Vicêncio” (2003), da escritora brasileira Conceição Evaristo, e “Hibisco roxo” (2012), da nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. Pretende-se compreender a figuração de personagens (negras) femininas que abalam os quadros estáticos de referências sociais dadas ao seu gênero e classe social e avaliar o questionamento dos papéis de gênero construídos nas narrativas.

### **FEMINISMO NEGRO AMERICANO: O CONCEITO JURÍDICO DE DISCRIMINAÇÃO MÚLTIPLA A PARTIR DA INTERSECCIONALIDADE**

*Rodrigo da Silva (UNIRITTER)*

O trabalho examina a contribuição dos estudos do feminismo negro americano para a interpretação do conceito jurídico de discriminação múltipla, assim como a sua relevância para o enfrentamento jurídico da discriminação no cenário brasileiro e latino-americano. No quadro do direito da antidiscriminação, mormente no que toca às técnicas legislativas dos critérios proibidos de discriminação, busca a compreensão da discriminação interseccional, a partir das origens e dos respectivos debates conceituais. Ao verificar a escassez de abordagem contextualizada das situações discriminatórias, trata da importância da inserção do tema, como revelador de originais e irredutíveis formas de discriminação, sob uma perspectiva qualitativa e não quantitativa, como forma de uma aplicação mais efetiva do princípio da igualdade no Direito.

**TETOS DE VITRAIS: GÊNERO E RAÇA NA CONTABILIDADE**

*Sandra Maria Cerqueira da Silva Mattos (USP)*

O papel social da mulher sofreu considerável mutação, tornando-se muito mais amplo. Dados do Ministério do Trabalho e Emprego brasileiro demonstram o aumento na participação de mulheres no mercado formal de trabalho, embora uma mulher com diploma superior perceba, a título de remuneração, o equivalente a 60% do salário de alguém do sexo masculino. Dados do IPEA registram que a renda média mensal per capita de uma família chefiada por um homem branco é de R\$ 997, se chefiada por uma mulher afrodescendente é de apenas R\$ 491. Estudo de Dambrin e Lambert (2012) demonstra, como resultante da estrutura de dominação de gênero, a raridade da participação feminina nos altos escalões da contabilidade. Com panorama semelhante, as mulheres brasileiras estão sub-representadas na contabilidade. Para bell hooks (1995, p. 5), “o conceito ocidental sexista/racista de quem e o quê é um intelectual elimina a possibilidade da associação de afrodescendentes como representativas de uma vocação intelectual”. O objetivo do estudo é descrever qual o papel da mulher afrodescendente na profissão contábil. A pesquisa se propõe ainda a apresentar indicadores que possibilitem desmistificar a representação fantasiosa da democracia racial brasileira. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de abordagem pós-estruturalista autoetnográfica, com dados coletados através de entrevistas semiestruturadas.



# SEÇÃO TEMÁTICA 02

## Gênero e raça nas políticas públicas

*Coordenação: Luciana da Luz Silva (UFBA)*

*O objetivo deste GT é fomentar o debate e a reflexão acerca dos desafios, das experiências, metodologias e resultados alcançados pela aplicação da transversalidade de Gênero e Raça nas políticas públicas brasileiras (nas esferas municipal, estadual e federal). Considerando o marco histórico de comemoração dos 10 anos de criação da Secretaria de Políticas para Mulheres (SPM) e da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), tencionamos incentivar e promover a produção científica acerca do estado da arte referente ao tema. O caráter instrumental e concreto das políticas públicas enquanto ações efetivas do Estado frente à sociedade exige que se elucidem questões como: os mecanismos de funcionamento das instituições, a legislação sobre a temática, a participação popular, o diálogo com os movimentos sociais, os resultados concretos, os projetos futuros e as perspectivas de ação.*



## EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: CONTROLE E AVALIAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS

*Antonio Gomes da Costa Neto (UCAM)*

A comunicação discorrerá sobre as atividades de controle (accountability) governamental e social na Educação, especialmente, sobre a estrutura de controle e avaliação de políticas públicas. Será feita uma análise a partir dos dados recolhidos nas ações judiciais perante o Supremo Tribunal Federal que versam sobre a ausência de implementação da Lei nº 10.639/2003 (art. 26-A da Lei nº 9.394/1996) perante a Educação Básica e Superior. Trata-se dos Mandados de Segurança que tratam do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) a partir do livro “Caçadas de Pedrinho” de Monteiro Lobato (MS 30952), além do processo em relação à oferta irregular perante as Universidades Públicas Federais da disciplina Educação das Relações Étnico-Raciais (MS 31907) nos cursos de graduação e licenciatura destinados aos Profissionais da Educação (art. 61, incisos I, II e III da LDB).

## POLÍTICAS RACIAIS: A IGUALDADE POSSÍVEL

*Dalila Fernandes de Negreiros (FIOCRUZ)*

A proposta de apresentação oral do texto “Políticas raciais: a igualdade possível” baseia-se na minha dissertação de mestrado, aprovada há dois meses. Nesse trabalho são descritas e organizadas as políticas de promoção da igualdade racial a partir do conceito de Jaccoud e Benin (2002), destacando o processo de inclusão dessa política na agenda decisória governamental como uma conquista da militância negra organizada. No texto é feito um breve panorama das políticas de promoção da igualdade racial, destacando a educação das relações étnico-raciais como elemento de um conjunto de ações com características comuns como: um histórico recente de institucionalização, uma forte relação com a agenda dos movimentos negros, e um processo de implementação que congrega mais de um órgão da administração pública. Para realizar esse panorama, a princípio, é apresentado o surgimento dessas demandas na agenda governamental por meio do destaque de algumas atuações de instâncias da militância negra que pautaram essa demanda. Para realizar tal levantamento foi considerado o relatório de Gestão da SEPPPIR de 2011, os PPAs de 2004-2007, 2008-2011 e 2012-2015, e o Catálogo de Programas do Governo Federal do Ministério do Planejamento de 2008.

## POLÍTICAS LOCAIS DE ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES: AVANÇOS E DESAFIOS

*Eliane Barbosa da Conceição (FGV)*

No período pós 1988, o Brasil tem assistido a uma movimentação em favor da descentralização das políticas públicas, uma vez que se entende que ações no nível subnacional tendem a ser mais efetivas na resolução de questões sociais. Problemas, como os relacionados à violência contra as mulheres, embora se manifestem para o conjunto da sociedade, apresentam características próprias em determinadas localidades. Como são as estruturas institucionais e organizacionais dos municípios e como elas influenciam a implementação de políticas públicas de gênero no nível local? Esta é a pergunta a qual a comunicação visa responder. Para isso, realizamos um estudo de caso múltiplo em que foram analisadas políticas para o enfrentamento da violência contra as mulheres implementadas pelas prefeituras de Salvador, São Paulo e Rio de Janeiro. Para a condução do estudo, utilizamos, entre outras técnicas, entrevistas semiestruturadas com gestores dos programas e representantes de organizações feministas. Os resultados apontam que, tais políticas podem apresentar baixo grau de institucionalidade, devido a fatores como rotatividade de dirigentes e da burocracia, baixo grau de profissionalização desta última, escassez de recursos e ausência de uma rede de atores que possibilitem o enraizamento das ações.



**CENTRO DE REFERÊNCIA DA SAÚDE DA MULHER: CASO DA SAÚDE DA MULHER NEGRA**

*Inádira Silva de Souza*

Políticas públicas de saúde voltadas para mulheres negras. A pesquisa teve como intuito identificar a existência de políticas públicas de saúde voltadas para mulher negra, visto que o Centro de Referência da Saúde da Mulher (CRSM) é o único Centro especializado no atendimento em saúde das mulheres, do município de Boa Vista/RR. Para a obtenção dos dados, utilizou-se a técnica de entrevista com perguntas abertas, aplicadas aos gestores que trabalham diretamente no CRSM e nos órgãos ligados a ele (NAPSM e NAPSPN). Entender as diferenças gritantes existentes entre o tratamento dado às mulheres negras pelo SUS em comparação às demais mulheres constitui um grande desafio, considerando-se a escassez de informações, bem como a falta de dados atualizados, e por fim o diminuto interesse dos gestores das instituições responsáveis pela saúde do país. Um dos problemas identificados pela pesquisa para que haja o desenvolvimento de alguma política voltada para a saúde da mulher negra em Boa Vista/RR é a falta da sistematização de dados.

**QUESTÃO SOCIAL, INTERFACE DA QUESTÃO RACIAL? UMA ANÁLISE DA INSERÇÃO DA MULHER NEGRA NA POLÍTICA DE HABITAÇÃO E CIDADANIA NO MUNICÍPIO DE OURO PRETO**

*José Arlindo do Nascimento (UFOP)*

A presente proposta é fruto de uma pesquisa de conclusão de curso, ainda em andamento, cujo objetivo central é refletir sobre a cidadania, identidade e reconhecimento das mulheres negras usuárias da política de habitação no município de Ouro Preto, problematizando, ainda, a relação do Serviço Social com o tema questão social/ questão racial. O estudo se justifica, porque reconhecer as mulheres negras como cidadãs de direitos é de fundamental importância para o fortalecimento da cidadania nos dias de hoje. A metodologia a ser utilizada neste trabalho será voltada para a pesquisa bibliográfica e para a pesquisa de campo, onde se utilizará o método qualitativo com uso de entrevistas. A intencionalidade de ambos os métodos que comporá esta metodologia, parte da necessidade de pensar a prática junto à teoria, pois tanto a primeira, quanto a segunda são necessárias para compreender e intervir na realidade social. Como considerações parciais, destacamos que, através de estudo bibliográfico, percebe-se a relevância da proposta ora apresentada para a defesa de uma cidadania efetiva para as mulheres negras.

**PROGRAMA PRÓ-EQUIDADE DE GÊNERO: ALCANCE E LIMITES PARA AS MULHERES NEGRAS**

*Jussara Francisca de Assis (PUC-RIO)*

O presente trabalho tem como objetivo analisar a 2ª edição do Programa Pró-Equidade de Gênero (Secretaria de Políticas para as Mulheres) e seu impacto na vida laboral de mulheres negras em três empresas localizadas na região sudeste do país. De acordo com diversas pesquisas, as mulheres negras ainda dominam os índices de vulnerabilidades no mercado de trabalho e são sub-representadas nas empresas brasileiras. Partimos da premissa de que as categorias racismo e sexismo colaboram para a manutenção de tal quadro. Sendo assim, qual seria o impacto do Pró-Equidade de Gênero nesta dinâmica? A partir dos resultados obtidos em pesquisa realizada para dissertação de mestrado (2010), verificamos que o Programa Pró-Equidade de Gênero se configurou como uma iniciativa importante no que tange a discriminação contra as mulheres, mas necessita de ações mais efetivas no que diz respeito às mulheres negras nas empresas pesquisadas.

## ENSINO FUNDAMENTAL E IDENTIDADE NEGRA: DESAFIOS DE RECONHECIMENTO

*Lorena Mendes de Mattos (UERJ)*

Em 2001 o Estado Brasileiro participou da III Conferência Mundial Contra o Racismo, a Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerâncias Correlatas. Em 2003 foi promulgada a Lei nº 10.639 com a obrigatoriedade do ensino de História da África e cultura afro-brasileira e africana nas escolas públicas e particulares no Brasil. Percebe-se uma busca pela adequação às normas internacionais de respeito às diferenças culturais e sua historicidade. Porém no âmbito das políticas públicas não percebemos a eficácia de tais posturas. Ao fim e ao cabo, percebemos que muitos dos profissionais de educação não foram preparados para a execução da Lei nº 10.639/03 e muito menos para debaterem em sala de aula o pluralismo racial e as relações de discriminação surgidas por tal pluralismo. Nos livros didáticos a representação do negro se faz por pessoas cativas ou mulheres sensuais, o que não contribui efetivamente na construção e/ou reforço de identidade na população afrodescendente brasileira. Durante pequenos rituais escolares como a hora da refeição, valoriza-se a religião católica, novamente desconstruindo a identidade negra ao reforçar como aceitáveis nos ambientes sociais os costumes brancos. Desejamos com este trabalho discutir a possibilidade de afirmação da identidade negra com crianças do ensino fundamental mediante valorização da historicidade negra no cotidiano escolar.

## PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL EM UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA DE SAÚDE

*Ludmila Marques e Renata Lopes (CEPPIR-GHC)*

A Comissão Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial do Grupo Hospitalar Conceição desenvolve ações que consistem em promover a implementação de políticas afirmativas e inclusivas que contribuem para a promoção da saúde, observando os princípios básicos do SUS e as especificidades étnicas dos trabalhadores e usuários do GHC. As atividades realizadas têm como embasamento o Estatuto da Igualdade Racial, a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra e outras ferramentas de promoção da igualdade racial para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. A CEPPIR-GHC é protagonista em relação à entrega da Comenda João Cândido (homenagem a pessoas ou entidades que de alguma forma desenvolvem atividades que contribuam para melhores condições de vida da população negra); ao curso Raça e Etnia (curso realizado anualmente para apresentar aos trabalhadores informações necessárias para a efetiva implementação de políticas de combate ao racismo institucional); à inclusão das religiões afroumbandistas no Espaço Inter-Religioso do GHC; à realização do exame de eletroforese de hemoglobina a todas as gestantes atendidas no GHC (exame que identifica se há a possibilidade da gestante portar o traço ou a doença falciforme).

## A ESTRATÉGIA DE SAÚDE DA FAMÍLIA COMO BASE DA TRANSVERSALIDADE DE GÊNERO E RAÇA NAS POLÍTICAS PÚBLICAS

*Norma Esther Negrete Calpiñeiro (Centro de Saúde 01 Gama-GDF)*

A organização do Sistema Municipal de Saúde, constituído pelo fortalecimento da Atenção Primária à Saúde e estruturado na Estratégia de Saúde da Família, constitui garantia do cumprimento da Declaração de Alma Ata (1978), rede integrada de saúde, com integralidade e participação social, assim como garante cumprir o que estipula a Constituição Federal (1988), garantir a saúde como direito de todos e dever do Estado, com os seguintes princípios: universalidade, integralidade, equidade, descentralização da assistência e participação social. Este tipo de organização dos serviços permite a aplicação dos princípios inerentes ao trabalho das Equipes da Estratégia de Saúde da Família: a descrição da clientela, territorialização, diagnóstico da situação de saúde da população, planejamento baseado na realidade local. Também possibilita a efetiva participação social, a intersetorialidade e o fortalecimento da gestão local. Neste contexto de trabalho resolutivo (Equipes de Saúde da Família), de proximidade e de apropriação das diferentes realidades, pois uma vez que se trabalha dentro da comunidade, com a comunidade e para a comu-

nidade, a transversalidade de Gênero e Raça é fator sine qua non para que a eficácia e a efetividade das políticas públicas transformem a vida das mulheres e para que estas sejam artífices e protagonistas do próprio destino.

## **A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NEGRA E O VALOR SIMBÓLICO DA LEI MARIA DA PENHA**

*Priscila Ramos de Moraes Rego (IFB)*

Dados da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (2010) indicam que as mulheres negras fazem parte da maioria que busca atendimento pela Central de Atendimento à Mulher. Esses dados refletem o cenário em que se encontram estas mulheres e a mudança de consciência obtida nos últimos anos. Embora o número de denúncias tenha crescido, observa-se que há uma divergência entre a norma e a prestação jurisdicional que efetivamente pode chegar ao jurisdicionado. O atual Plano Nacional de Políticas para Mulheres (2013-2015) prevê ações voltadas para o fortalecimento dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar e também ações educativas voltadas ao agressor. Estas metas são justificadas no eixo de “enfrentamento de todas as formas de violência contra as mulheres”. Pretende-se com o presente trabalho demonstrar o valor simbólico (BORDIEU, 1989) contido na formulação da Lei Maria da Penha (Lei nº 11.343/2006) e nas políticas de enfrentamento à violência diante das visíveis dificuldades existentes no cumprimento da norma, ocasionadas pela falta de correlação entre seus institutos com a realidade da violência conjugal no Brasil (WALKER, 2009) e das diretrizes orçamentárias do poder judiciário.

## **E O CORPO NEGRO DOENTE?**

*Raquel Alves de Souza (UnB)*

O Sistema Único de Saúde tem como finalidade alterar a situação de desigualdades na assistência à saúde da população, por isso tem como meta promover a equidade no atendimento. A Política Nacional de Assistência Integral à Saúde da População Negra tem por objetivo combater a discriminação étnica/racial no SUS. O objetivo deste artigo é analisar e compreender a percepção do corpo entre profissionais e usuários da Unidade Básica de Saúde 04 de Ceilândia /DF por meio de uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico em bases das percepções sociais de corporalidade negra. Os resultados podem implicar em mapear os encontros e os desencontros das percepções das mulheres e profissionais.

## **SOBRE AS ASAS DE O ANJO NEGRO, O MUNDO DO TRABALHO**

*Robson Bastos Roen (IFB)*

Tendo como mote O Anjo Negro, de Nelson Rodrigues, reflexões sobre a Simpatia Hostil na entrada e permanência do negro no Instituto Federal de Brasília (IFB), nos cursos Pós-Médio e nos cursos Tecnológicos, assim como sobre o acolhimento dos egressos no mercado de trabalho. Pesquisa realizada via Grupo de Pesquisa vinculado ao Observatório do Mundo do Trabalho, por meio de leitura e transversalidade de Nelson Rodrigues, de pesquisa bibliográfica e de banco de dados, o que favorece uma visão mais clara sobre ser negro no IFB, na busca de ações concretas para a afirmação de identidade, qualidade de atendimento educacional, criação de oportunidades acadêmicas e de trabalho, o que justifica a pesquisa e torna relevante essa investigação sobre como é visto e como se vê o negro em ambiente que se disfarça de simpático.

## **MULHER NEGRA E O MERCADO DE TRABALHO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA A SUPERAÇÃO DO RACISMO INSTITUCIONAL**

*Sheila Dias Almeida (UFRJ)*

O estudo das questões ligadas às desigualdades raciais é um desafio proposto à nossa sociedade. A presente comunicação tem por objetivo analisar o processo de feminização e precarização do trabalho no capitalismo contemporâneo, com foco de análise sobre a mulher negra no mercado de trabalho. Como metodologia, abordaremos as tendências recentes do trabalho feminino no Brasil utilizando algumas pesquisas e dados empíricos (IBGE, PEA, IPEA). Há necessidade de enfrentar a questão racial mediante o esforço de engendrar o debate franco e aberto sobre o tema, como a adoção de políticas públicas universais que afrontem o racismo e seus desdobramentos.

## **A PERCEPÇÃO DE ALUNAS(OS) COTISTAS SOBRE AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS PRESENTES NA UNB**

*Sweldma Arantes Celestino Lima*

A Universidade de Brasília foi pioneira ao implantar o sistema de reserva de vagas pra negras(os) e o mantém como um primeiro exercício de inclusão dessa maioria populacional, mas minoria no Ensino Superior, como forma de reconhecimento e enfrentamento de um quadro de históricas desigualdades raciais, que chegou a envolver táticas práticas de branqueamento da elite nacional, reconhecidas recentemente pelo próprio Estado. Dentro desta perspectiva, esta pesquisa analisa a percepção de alunas (os) cotistas sobre as relações étnico-raciais presentes na UnB, bem como o papel desta para a implementação e fortalecimento de ações afirmativas para grupos historicamente excluídos.

## **EU, MENINA NEGRA**

*Zora Yonara Torres Costa*

“Eu, menina negra” é um trabalho que propõe refletir sobre a possibilidade de uma infância e adolescência sem racismo neste modelo de sociedade. Problema: Como enfrentar o racismo na infância e adolescência neste modelo de sociedade? O trabalho tem como metodologia catalogar alguns casos de racismo na infância e fazer uma reflexão acerca da violação de direitos de meninas e adolescentes negras. Objetiva-se refletir sobre as violações de direitos por meio do racismo, exploração sexual e trabalho infantil aos quais meninas e adolescentes negras historicamente foram e são submetidas. Alguns resultados versam sobre diálogos e a interseccionalidade das políticas públicas no enfrentamento às violações e ao racismo.



## SEÇÃO TEMÁTICA 03

### Étnica e estética: o diálogo entre as tradições afrodescendentes e as linguagens artísticas

*Coordenação: Tatiana Henrique Silva (UNIRIO)*

*Diálogos e imbricações entre as tradições religiosas e as linguagens artísticas são presentes em inúmeros trabalhos – artes visuais, literatura, música, dança e teatro. Nesta Seção Temática, portanto, serão aceitos trabalhos que abordem como os artistas ou coletivos artísticos realizam apropriações de tradições herdadas das culturas africanas, ampliando a relação entre o contemporâneo e o mítico, a partir de corporeidades, sonoridades e objetos.*



**POÉTICAS COMBATIVAS: TEATRO DA OPRIMIDA E FEMINISMO NEGRO***Alice Fonseca Nunes (UNESP)*

Por intermédio do Projeto de Pesquisa intitulado “Poéticas Combativas: Teatro da Oprimida e Feminismo Negro” objetiva-se refletir sobre as relações entre teatro, gênero e raça, a partir de um experimento teatral na forma de um laboratório, segundo as propostas do Teatro da Oprimida e aplicações da História Oral. Além disso, pretende-se questionar se o que chamarei de Teatro da Oprimida, baseado na obra do teatrólogo Augusto Boal, pode contribuir para a emancipação das mulheres negras que participarão do processo teatral, em âmbitos como o sexual, o político, educacional, de saúde pública, de mercado de trabalho e de representação midiática. A História Oral será empregada para a reunião e análise das experiências das participantes, estabelecendo o trânsito entre teoria e prática. A análise bibliográfica, com vistas a compreender a atual condição da mulher negra e o feminismo negro no Brasil, será complementada pela pesquisa de campo com o grupo teatral Capulanas Cia de Arte Negra, destacando seus procedimentos criativos. As reflexões convergirão com elementos encontrados no laboratório de teatro com mulheres negras da cidade de São Paulo, a partir das técnicas do Teatro da Oprimida. Trata-se, portanto, de possibilitar o cotejo entre esta metodologia artístico-pedagógica e as ideias do chamado feminismo negro no contexto nacional.

**O ETNODESIGN A PARTIR DA MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO PERSEVERANÇA***Anderson Diego da Silva Almeida (UFAL)*

A proposta central dessa comunicação é fazer uma discussão e definição em torno da construção do conceito do etnodesign, que se desenvolve atualmente no Brasil como proposta para resgatar a produção de grupos étnicos brasileiros e entender seus comportamentos. A produção desses grupos muito contribui para a construção do universo simbólico e da identidade através do estudo de sua memória e representação presente em seus artefatos, pois grande parte desses produtos integra o cotidiano da população nacional. Este trabalho aborda o estudo da Coleção Perseverança, através da análise dos artefatos pertencentes ao Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas - IHGAL. Objetiva-se compreender a Coleção enquanto produção humana de sentidos, de representação através da reunião de objetos e tentativa de controle dos significados dela advindos para entender a construção do Etnodesign no campo da História. Serão trabalhados também alguns aspectos históricos, compreendendo seus usos e representações ao longo do tempo e a construção do objeto de coleção enquanto símbolo. Foi feita a opção de dialogar com alguns importantes estudiosos e interlocutores como Vilém Flusser e Carlo Ginzburg. Além de trabalhos de referência para a área, autores e obras que são ponto de partida para os principais estudos empreendidos sobre este assunto.

**MATRIZES - UM OLHAR SOBRE A CULTURA DO JONGO NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO***Géssica da Silva Justino (UFRJ)*

Matrizes é uma pesquisa em desenvolvimento dentro do projeto Companhia Folclórica do Rio – UFRJ, cujo intuito é investigar se a prática ligada à devoção aos ancestrais ainda é presente nas danças e/ou manifestações de matrizes africanas e de que forma permanece nos próprios rituais. A partir das vivências da Companhia, inicia-se um processo de reconhecimento e busca dessas informações. Dentro das diversas manifestações, uma das mais próximas ao projeto é o Jongo, que teve origem na região do Congo-Angola, trazida pelos pretos de origem bantu que foram escravizados nas fazendas de café da região do Vale do Paraíba, Minas Gerais, São Paulo e interior do Rio de Janeiro. Com a migração desses homens e mulheres para a cidade e região periférica, o Jongo instalou-se principalmente no Morro da Serrinha e no Morro do Salgueiro. Também conhecido como Caxambu, hoje o Jongo é visto nas áreas urbanas e é acessível a qualquer pessoa interessada em praticá-lo, sem restrições. Tendo em vista a importância da motivação dos primeiros jongueiros, que era baseada na crença nas forças ancestrais, esse trabalho tende a observar quais as mudanças no ritual e se a motivação dos atuais praticantes para tal prática faz conexão



com a intenção pela qual o jongo se instituiu no Brasil. Além da pesquisa realizada junto aos jongueiros, percorremos algumas rodas culturais urbanas da cidade do Rio de Janeiro. A observação vai além dos movimentos de dança, músicas e vestimentas. Permeamos a preservação da essência e até que ponto as influências do decorrer do tempo provocou a perda da memória deixada pelos ancestrais.

### A FORÇA DAS ENERGIAS DO TAMBOR NOS RITUAIS DO CANDOMBLÉ

*Katiana Dias de Oliveira (Faculdades Ipiranga)*

A proposta deste trabalho é discutir a força que vem das energias que o tambor traz nos rituais do candomblé, no palco; ou seja, através do teatro explorar esses sons e desenvolver em cena as energias que os orixás deixam para seus filhos. Neste trabalho a religião afro é revisada nos dias atuais, é discutida e apresentada em uma performance, trazendo alguns questionamentos como, por exemplo, por que ainda hoje ela é vista por muitos como uma religião maligna? Por que ainda existem pessoas que destratam aqueles que não destratam nenhuma outra religião. Desta forma, tenta-se mostrar que ela precisa ser aceita e reconhecida em nosso país.

### PERFORMANCES E MEMÓRIAS DO CANDOMBLÉ NO TEATRO

*Tatiana Henrique Silva (UNIRIO)*

No teatro realizado no Brasil, artistas e coletivos teatrais realizam apropriações de tradições herdadas das culturas africanas, entre elas a religiosa. O Candomblé, religião afro-brasileira, é uma fonte da qual mitos e ritos são extraídos e transladados para os projetos estéticos desses artistas, porém sem uniformidade, revelando maneiras distintas de se performar o imaginário sobre o Candomblé, em consonância com projetos identitários distintos que revelam não uma memória, mas memórias do Candomblé. Assim, este trabalho segue o rastro desse processo de inserção de elementos da memória religiosa – mitos, ritos, corporeidades, sonoridades e objetos – a partir do teatro moderno brasileiro chegando ao contemporâneo, investigando sua intercessão com a performance e os Estudos da Performance, observando, como corpus, o espetáculo Macumba Antropófaga, realizado em 2011, pelo grupo Teatro Oficina, analisando como os simbolismos sagrados são associados aos simbolismos das estéticas teatrais, ampliando seus significados.

# SEÇÃO TEMÁTICA 04

## Diásporas negras no contexto latino-brasileiro: fluxos identitários, gênero e globalização

Coordenação: Glória Maria Santiago Pereira (UCB)

*Pensar sobre a diáspora negra na contemporaneidade envolve questões que ultrapassam os limites das fronteiras disciplinares, suscita discussões que desafiam ideias a priori sobre nação, temporalidade, identidades étnicas, classe, gênero e raça. Essas culturas negras viajantes transfiguram-se nas práticas cotidianas inscritas em diferentes espaços sócio-históricos e subjetivos, influenciando o campo das artes, a política e as diferentes formas de religiosidade pelo mundo, formando subculturas de resistência, híbridas e/ou transnacionais. Nesse sentido, a proposta desta seção temática (ST) visa dialogar com pesquisas ou ensaios que tenham como tema a influência da diáspora negra no contexto latino-brasileiro em suas diferentes formas de expressão sócio-cultural, como a influência do feminismo afro-americano nos movimentos feministas na América Latina e o possível prolongamento do discurso pós-colonial ou do movimento pan-africanista no contexto latino-brasileiro. Além disso, serão acolhidas propostas de temas emergentes à diáspora negra no Brasil, por exemplo, o impacto dos novos processos imigratórios de africanos e caribenhos no país ou até mesmo uma análise crítica em relação aos tratados de cooperação internacional Brasil-África.*



**REFLEXÕES PRELIMINARES SOBRE MIGRAÇÃO HAITIANA PARA O BRASIL E QUESTÕES DE GÊNERO***Cândida Beatriz Alves (IFB)*

O Haiti é o país mais pobre das Américas e vem enfrentando, ao longo das últimas décadas, graves problemas nas áreas de educação, saúde, infraestrutura e segurança pública. O terremoto de janeiro de 2010 veio agravar a já difícil situação do país. Essa catástrofe natural gerou uma terrível catástrofe humana, agravando a difícil situação que o Haiti enfrentava já antes do terremoto. Diante de tal quadro, migrar passou a representar em muitos casos a única alternativa possível para garantir a sobrevivência. Atualmente, no Brasil, há mais de 6000 haitianos, fluxo que vem crescendo desde 2010 e atingiu um ápice no final de 2011. Destes, a maior parte é constituída por homens. A maioria dos haitianos empregados no Brasil encontra-se no ramo da construção civil. De acordo com informações do CNIg, esta era também a área em que a maioria atuava no seu país. Além disso, vários trabalham agora em fábricas no interior do país ou ainda no setor de prestação de serviços. Há dados também de haitianos sem emprego formal, desempenhando tarefas como as de carpinteiro, eletricitista, encanador, pintor de paredes ou auxiliar de construção. Já as mulheres trabalham principalmente como domésticas, cozinheiras ou manicures.

**ETNIZAÇÃO: ETNOGRAFANDO NA DIÁSPORA***Cauê Gomes Flor (UFSCar)*

Desde 2004 a cidade de Lins (interior de São Paulo) recebe, proporcionalmente, o maior fluxo de africanos do interior paulista. Lá, residem e estudam (na Unilins), faculdade local, em torno de 140 africanos e africanas naturais dos mais diversos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (Palop): Angola, Cabo Verde, São Tomé & Príncipe, Moçambique e Guiné-Bissau. São preponderantes os jovens remanescentes de Angola, cerca de 120, sendo os únicos que se enunciam enquanto comunidade. Ao enunciar esse discurso, os estudantes africanos agenciam e manobram um conjunto de representações, afirmam diferenças e promovem processos de identificação. Em síntese, o objeto principal da reflexão teórica desta pesquisa é analisar os marcadores sociais de diferença (TOMAZ, 2003) utilizados pelos estudantes angolanos residentes na cidade de Lins-SP; pois são essas diferenças que devem nos ajudar a entender melhor as suas narrativas sobre as tensões e dificuldades que vivenciam no contexto brasileiro, mas também a maneira como, neste “espaço da diáspora”, eles constroem e reconstróem as suas identidades. Esse trabalho busca fazer uma aproximação, mais precisamente, um esforço analítico orientado a partir desse vasto campo chamado episteme Pós-Colonial e Estudos Culturais. O trabalho demonstra que devido a essa experiência na diáspora, os jovens angolanos tendem a desenvolver uma agência marcada por um processo de etnização centrado no “sotaque” como forma de posicionamento frente ao racismo brasileiro.

**DIÁSPORA TRADUTÓRIA OITOCENTISTA: O CASO DOS TRADUTORES NEGROS LUSÓFONOS***Dennys da Silva Reis (UnB)*

Nos Estudos Literários há alguns autores negros do Oitocentos bastante estudados e difundidos – inclusive nos meios de comunicação – que muito contribuíram para uma escrita literária de língua portuguesa nos países lusófonos, contribuindo assim para a diáspora literária negra. Já nos Estudos de Tradução, a questão racial é pouco tocada, ainda mais por remeter a um ofício do Oitocentos, o de tradutor, que era exercido majoritariamente por brancos. Todavia, a presente pesquisa pretende mostrar a existência de tradutores lusófonos no século XIX e suas contribuições para a cultura brasileira. Para delimitar este trabalho, nos deteremos, especialmente, em quatro nomes: Caetano Lopes de Moura (1780-1860), Francisco de Paula Brito (1809-1861), Joaquim Maria Machado de Assis (1839- 1908) e António Cândido Gonçalves Crespo (1846-1883). Todos eles tinham profissões diferentes, embora também fossem escritores e tradutores. Por isso, a presente pesquisa vem mostrar a pertinência e a relevância de se estudar o ofício tradutório de tais protagonistas da História da Tradução no Brasil a fim de comprovar a diáspora de uma escrita tradutória negra presente no Oitocentos e ainda esquecida na contemporaneidade pela historiografia

dos Estudos de Tradução.

### **UM IMIGRANTE NEGRO BRASILEIRO EM PORTUGAL E NA ALEMANHA: A MARCA DA RAÇA NA CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS DE IDENTIDADES NACIONAIS**

*Glauco Vaz Feijó (IFB)*

Nesta comunicação será apresentado um recorte de meu trabalho de doutoramento em curso intitulado “O Brasil lá fora: a invenção de nacionalidades brasileiras na Alemanha e em Portugal. Identidade, discurso e narrativa”. Neste recorte apresento interpretação de narrativa gerada por meio de entrevista de trajetória de vida com um imigrante brasileiro autodeclarado negro a partir de suas reflexões sobre o papel da raça na reconstituição de sua vida e de outros imigrantes, sobretudo africanos, na diáspora. Propositalmente a interpretação da narrativa desse imigrante nos remete à “persistência da raça”, não no sentido que lhe deu Peter Fry, mas no sentido do peso do critério racial nas narrativas de identidades nacionais e da marca que deixou a chamada “questão negra” na constante reinvenção de identidades brasileiras, aqui e “lá fora”.

### **DIÁSPORA(S) NEGRA(S), SUBJETIVIDADE E IDENTIDADE: UM OLHAR PAN-AFRICANISTA**

*Glória Maria Santiago Pereira (UCB)*

Os novos fluxos migratórios influenciam de forma sistemática o sentido tradicional de diáspora, na sua forma e intensidade. Do ponto de vista do imaginário moderno, o conceito de diáspora é intrínseco ao êxodo judaico, uma dispersão coletiva inscrita numa relação contínua e linear entre passado e futuro que unem algum grupo e/ou nação em torno de uma identidade, independente do seu contexto histórico, geográfico e sócio-cultural. Entretanto essa visão clássica entre identidade e diáspora baseada nos mitos fundadores, numa leitura europeia e anglo-saxônica, não contempla o universo complexo e mutável das diásporas africanas, caribenhas, afro-latinas e afro-asiáticas. Nesse sentido, a proposta deste resumo visa ampliar o debate em torno dessa questão, num enfoque subjetivo e identitário através da leitura Pan-africanista. Desta forma, será respaldado o enfoque teórico da pensadora e ativista Elisa Larkin Nascimento e também a subjetividade política do pensador antilhano Frantz Fanon. Portanto, o objetivo desse encontro transfronteiriço entre Fanon e Elisa Nascimento reverbera numa idéia que ultrapassa os limites de uma identidade nacional negra e afrocentrada. A proposta é fazer um recorte das contribuições do pensamento pan-africanista para o debate das diásporas negras no contexto latino-brasileiro, afirmando a produção de uma diferença identitária não-ontológica, que passa pela produção subjetiva de corporalidades negras excluídas pelo olhar racista e colonial que cria marcas indeléveis nos sujeitos que formam a(s) diáspora(s) negra(s) na contemporaneidade.

### **CANDOMBLÉ EM TERRAS ALEMÃS**

*Joana Bahia (UERJ)*

A presença de brasileiros na Europa tem sido expressiva desde as mudanças sócio econômicas ocorridas no contexto internacional. Atualmente, esta migração se desenvolve no norte da Europa. Na Alemanha temos atualmente 95.000 brasileiros. Nessa comunicação, analiso as danças chamadas africanas nas religiões afro-brasileiras que atuam na Europa, em especial na Alemanha, e como a performance artística conduz ao ritual. A expansão do candomblé pelos países de santo está relacionada ao universo da dança afro e ao cenário musical como parte do processo migratório. Nosso trabalho estuda a presença do afoxé no Carnaval das Culturas em Berlim e qual a importância dessas religiões na recriação de uma ideia de “África” na Europa. Realizei trabalho de campo no terreiro Ilê Obá Silekê e no Forum Brasil, ambos coordenados pelo pai de santo Murah, conhecido há vinte anos em toda a Europa

como um dançarino de ritmos afro-brasileiros.

## **MIGRAÇÃO E COOPERAÇÃO INTERNACIONAL BRASIL-ÁFRICA: IMPLICAÇÕES NA DESIGUALDADE RACIAL E ECONÔMICA**

*José de Ribamar Sousa Pereira (UCAM)*

Dadas as novas demandas e aspirações sócio-econômicas no âmbito da ordem do mundo globalizado, intensificam-se as relações internacionais e as alianças bilaterais e multilaterais entre os Estados nacionais, nas áreas técnica, científica, cultural e social. Nesse sentido, o presente trabalho contempla a temática migração no contexto específico da cooperação internacional Brasil-África. Para tanto, identifica, analisa e sugere as eventuais influências desses acordos no processo migratório, com foco sobre as minorias étnicas e os respectivos fluxos migratórios (enquanto capital humano disponibilizado), sob a perspectiva dos países receptores e emissores desse capital. Para esse fim, será considerada uma metodologia de análise de dados agrupados para o período de 1970 a 2012, utilizando uma equação do logaritmo natural da renda anual dos Estados nacionais relacionados, agrupando-se por projetos que compõe os respectivos acordos. Além disso, serão identificados alguns reflexos dos acordos sobre a desigualdade racial e a dimensão econômica, a partir das ações de cooperação entre o Brasil e países africanos. Sem olvidar a diversidade cultural a que se submetem, inclusive, aquela em que se encontram imersos, quando ainda em suas localidades de origem, bem como a de destino, espera-se identificar implicações das ações que pretendem minimizar a desigualdade racial.

## **IDENTIDADE CULTURAL NA DIÁSPORA AFRICANA: UMA REFLEXÃO SOBRE OS CONCEITOS DE MESTIÇAGEM, CRIOULO E LUSO-AFRICANO**

*Júlia Porphirio Orioli (UnB)*

Vários indivíduos transitaram no Atlântico sul durante o período do comércio de escravos, sendo eles: africanos, europeus e populações das Américas. Através da mobilidade na região ocorreu uma mestiçagem cultural e/ou genética, o que gerou novos sujeitos com novas identidades. Ao refletirmos mais sobre o contexto do período Moderno, principalmente o século XVIII, nos deparamos com estas novas formas culturais e identitárias que surgem em Angola e no Brasil. Porém, como denominar estes novos indivíduos? Vários termos possuem em seu significado e história construções ideológicas que podem acarretar na supressão de componentes culturais. Desta forma, propomos o questionamento da utilização dos conceitos de mestiçagem, crioulo e luso-africano, no contexto do Atlântico sul. Este debate relaciona-se a polêmicas e discussões que remetem aos trabalhos de Bhabha, Gruzinski, Lovejoy, Miers e Kopytoff, Miller, Horta, entre outros. Portanto, esta comunicação tem intuito de compreender melhor a importância dos debates envolvendo os termos que designam uma mistura cultural em vários contextos históricos e na atualidade.

## **HAITIANOS EM MANAUS: ENTRE DISCURSOS E PRÁTICAS**

*Kátia Cilene do Couto (UFAM)*

O objetivo desse trabalho é analisar o impacto da chegada dos imigrantes haitianos em Manaus através dos discursos presentes nos jornais. Um evento natural ocorrido no Haiti em 2010 matou milhares de pessoas e ocasionou a fuga migratória para o Brasil de outras tantas que fugiram da situação precária vivenciada no país após o terremoto. A chegada em grande escala de imigrantes negros na região norte do Brasil e especialmente em Manaus ocasionou várias reações que foram apresentadas principalmente na imprensa. Entre as práticas e representações em torno dos discursos, buscaremos neste trabalho analisar o contexto da chegada desses imigrantes em Manaus.

**SEGMENTAÇÃO ÉTNICO-RACIAL EM CONTEXTOS MIGRATÓRIOS: UMA APROXIMAÇÃO AO CASO DOS MIGRANTES BRASILEIROS RETORNADOS DA ESPANHA**

*Leonardo Cavalcanti (UnB)*

O texto analisa parte dos resultados da pesquisa “RETTRANS, Retorno desde el Transnacionalismo”, (Projeto de pesquisa financiado pelo “Ministerio de Ciencia e Innovación” da Espanha). O presente trabalho analisa os diferentes condicionantes e processos que explicam a segmentação étnico-racial no mercado de trabalho em diferentes contextos migratórios. A partir do estudo dos brasileiros na Espanha e do retorno desses migrantes ao Brasil, o texto reflete sobre como a caracterização sociocultural dos migrantes baseada em termos étnico-raciais tem uma série de implicações no mercado de trabalho. O texto também analisa como os imigrantes (re)significam estereótipos étnico-raciais em diferentes contextos migratório a fim de obter vantagens na incorporação laboral, assim como as diversas construções socioculturais que incidem na integração socioeconômica dos migrantes e na sua distribuição no mercado de trabalho em diferentes experiências migratórias.

# SEÇÃO TEMÁTICA 05

## Literaturas Africanas e Literatura Negra Brasileira: Crítica e ensino

Coordenação: Rosilene Silva da Costa (UnB)

*A produção literária africana, especialmente a escrita em língua portuguesa, tem conquistado espaço editorial ao longo dos últimos anos e já passa a figurar nos currículos universitários e até mesmo nos escolares. De forma ainda tímida, a Literatura Negra produzida no Brasil também vem conquistando espaço. É comum nomes como o da moçambicana Paulina Chiziane e da brasileira Conceição Evaristo estarem nos catálogos de eventos, nos banco de teses e artigos, bem como serem do conhecimento dos professores de Literatura. Além disso, o Brasil a cada dia estreita relações com os países africanos, o que se evidencia até mesmo com a publicação da Coleção História Geral da África. Os marcos legais deixam isso mais evidente: a Lei nº10.639/03 torna obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira na educação básica e as Diretrizes Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais (Parecer CNE 03/04) mostram o caminho para a implementação da lei. Assim, há de se considerar como a Literatura pode contribuir para enriquecer o conhecimento que se tem de África, bem como das histórias e vivências dos afrodescendentes no Brasil. Então este simpósio se caracterizará pela apresentação de textos de autores africanos e afro-brasileiros tanto numa perspectiva de crítica literária, quanto numa perspectiva que considere o ensino destas Literaturas.*





**LITERATURA E EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: PAISAGENS NA EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA***Ana Cláudia da Silva (UnB)*

Neste trabalho, apresentamos os resultados parciais obtidos pelo projeto de pesquisa em andamento “Literatura e educação para as relações étnico-raciais”, que tem por objetivo mapear o conhecimento de estudantes de cursos de licenciatura, ministrados na modalidade à distância, sobre a legislação que rege a educação para as relações étnico-raciais no Brasil. Nossa hipótese é que a formação dos licenciandos não contempla uma parcela significativa da literatura em língua portuguesa que dialoga diretamente com a educação para a diversidade, especificamente para a questão das relações étnico-raciais, ou seja, as literaturas africanas de língua portuguesa e a literatura negro-brasileira. Formam-se ainda, no Brasil, professores que não estão capacitados para tratar da temática africana em sala de aula, mesmo após dez anos da promulgação da Lei que estabelece o trato dessa temática em todos os níveis da educação brasileira.

**MEMÓRIA, LITERATURA E UMA OUTRA HISTÓRIA AFRO-BRASILEIRA: UMA ANÁLISE DA OBRA DE CONCEIÇÃO EVARISTO***Bárbara Araújo Machado (UFF)*

Este trabalho integra a pesquisa de mestrado intitulada “Conceição Evaristo e a intelectualidade negra no contexto do movimento negro brasileiro contemporâneo (1982-2008)”, que tem como questão ampla a relação entre literatura e militância no movimento. Conceição Evaristo caracteriza sua “escre(vivência)” como tendo uma dupla-face, que creio ser desdobrável em três faces: raça, gênero e classe. Ao realizar esse desdobramento, procuro evidenciar a vinculação orgânica da autora à população negra subalternizada, com ênfase nas mulheres, como ela, negras e pobres. Ao tratar em seus romances de situações históricas como a remoção de favelas, o êxodo rural de descendentes de escravos/as e a experiência violenta da escravidão brasileira, Conceição toma partido em uma importante disputa de memória. Sua perspectiva se apresenta como uma narrativa contra-hegemônica que visa desautorizar o discurso da democracia racial brasileira. Percebe-se na obra da autora um forte elemento histórico e um diálogo intenso com a realidade material da população negra no Brasil. Na presente comunicação, procuraremos responder a seguinte questão: a literatura de Conceição Evaristo exerce um papel de intervenção no conhecimento histórico?

**“SOU NEGRA, PONTO FINAL”: A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA NEGRA FEMININA NA POÉTICA DE ALZIRA RUFINO***Douglas Rodrigues de Sousa (UnB)*

Nas últimas décadas o tema da literatura e identidade tem ganhado maior notoriedade nos espaços de produção literários e acadêmicos, isso inclui a renovação e papel da nova poesia do século XX, onde se destaca o da poesia identitária. Vozes dos grupos excluídos da literatura, que a utilizam como forma e função social de denúncia e apresentação das temáticas que revelam os preconceitos, lutas, anseios e percalços de quem está posto à margem das ordens estabelecidas. No que concerne à afrodescendência, esses movimentos visam principalmente à afirmação da identidade negra no bojo dessas produções. Neste âmbito, este trabalho se propôs a analisar a construção da identidade da mulher negra a partir da leitura do livro de poesias *Eu, mulher negra, resisto* (1988) da escritora afro-brasileira Alzira Rufino. Para tanto, percorremos vieses pelos quais a própria poesia da autora estudada nos guiou, como o tema da literatura afro-brasileira, as relações identitárias, a memória negra, e os elementos da cultura afro-brasileira. Ainda percorremos, por se tratar da escrita de uma mulher e negra, as discussões de gênero e discriminação racial para com o grupo afro-feminino. Teóricos e discussões em torno das relações de identidade, gênero e etnicidade são levantados para fundamentar este trabalho.

**O ESPELHO: REFLEXO DO DIÁLOGO ENTRE O AMOR FEMININO E MASCULINO EM NIKETCHE – UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA DE PAULINA CHIZIANE**

*Irineia Lina Cesario (USP)*

O espelho em Niketche evoca uma dialogia própria do texto narrativo, no sentido de que as personagens vivem as histórias de suas vidas e as histórias que contam e que servem de argumentos verossímeis à narrativa total; essas experiências produzem um jogo de significantes capaz de construir o mundo ficcional. Na obra em questão o narrador e a narrativa revelam os conceitos primários da literatura moçambicana, cujas principais estratégias textuais são a oralidade e a vocalidade em dialogia amorosa. É um diálogo em que a personagem descobre a si mesma desvelando as máscaras sociais.

**AS INTERFACES ENTRE LITERATURA ADULTA E INFANTO-JUVENIL NAS OBRAS DE MIA COUTO E LUANDINO VIEIRA**

*Júlia Parreira Zuza Andrade (Universidade de Coimbra)*

O artigo se propõe a discutir as fronteiras fluidas e maleáveis entre literatura infanto-juvenil e adulta nas obras de Mia Couto e Luandino Vieira através da análise de dois títulos destinados para crianças e jovens: A chuva pasmada de Mia Couto e A guerra dos fazedores de chuva com os caçadores de nuvens: guerra para crianças de Luandino Vieira. Perceber as intersecções entre as linguagens dos dois autores para diferentes faixas etárias e refletir como a literatura moçambicana e angolana de língua portuguesa classificada para o público infanto-juvenil trabalha com questões como pós-colonialismo, oralidade e ilustração são os objetivos do estudo.

**AS MÃOS DOS PRETOS E NEGRINHA: O PRECONCEITO VISTO PELO OLHAR POUCO LÚDICO DAS CRIANÇAS**

*Luciano Lourenço da Silva (UNOPAR)*

Através dos textos do moçambicano Luís Bernardo Honwana e do brasileiro Monteiro Lobato, analisaremos o confronto entre o olhar lúdico do que se pensa ser inocente e os discursos ideológicos que aplicam o racismo de maneira cruel e imperativa diante das crianças. Através dos estudos com alunos do 1º ano do ensino médio e 9º ano do ensino fundamental, percebemos que a docilidade esperada pelas reflexões das crianças não são demonstradas diante dos textos citados. Os alunos reagem de maneira crítica diante da realidade opressiva das personagens principais o que sempre acarreta uma discussão acalorada sobre identidades e discursos competentes que mascaram o preconceito da sociedade dita democrática.

**A PERSONAGEM FEMININA DONA MUNDA, DO ROMANCE VENENOS DE DEUS, REMÉDIOS DO DIABO, DE MIA COUTO**

*Lukelly Fernanda Amaral Gonçalves (UFOP)*

Em várias obras literárias do escritor moçambicano Mia Couto, bem como em outras literaturas africanas de língua portuguesa, encontra-se a constante da (re)construção da identidade dos povos africanos colonizados por Portugal. Inserido nessa tradição, o romance Venenos de Deus, remédios do diabo traz personagens/identidades que, acredita-se, são a própria recriação do povo moçambicano. Por meio de uma análise descritiva crítica, mostra-se que as personagens são reflexo de uma sociedade patriarcal. As personagens femininas representam o rebaixamento do gênero feminino sob o masculino. Dona Esposinha é a dona de casa, subserviente e conhecida apenas por ser esposa de alguém; Deolinda, mesmo sendo médica, destaca-se por ser mulata bonita e objeto de desejo de homens e de inveja de mulheres; e Dona Munda vive em um casamento em que o marido está sempre a humilhá-la.

Segundo Paijola e Bonnici (2009) nessas três personagens “a problemática envolvendo as questões de gênero soma-se às raciais, com o agravante de viverem em um país desfigurado pelo colonialismo.” O que esta pesquisa observa é que ao contrário das outras personagens desse tripé, Dona Munda tenta romper com os estereótipos de submissão através de pequenas rebeliões, o que a coloca a frente de seu tempo.

## **A (RE)ESCRITA DO CÂNONE LITERÁRIO BRASILEIRO APÓS A LEI Nº 11.645/2008: DESAFIOS E PERSPECTIVAS**

*Marcelo Ferraz de Paula (UFG/ICESP)*

Tradicionalmente o ensino de literatura no Brasil se estruturou com base no método historiográfico, concentrando-se quase que exclusivamente na abordagem dos autores canônicos e no vínculo de suas obras com a história nacional. Com a aprovação da Lei nº 11.645/2008, que torna obrigatório o ensino de cultura e história africana, afro-brasileira e indígena na educação básica brasileira, temos a oportunidade não apenas de valorizar e compreender segmentos culturais historicamente negligenciados pela escola, como também de refletirmos sobre a constituição do cânone literário brasileiro e suas evidentes marcas de exclusão de grupos sociais. Assim, buscaremos indicar como a obrigatoriedade do ensino da literatura afro-brasileira já começa a impactar os manuais didáticos e a formação nos cursos de letras, deixando fortes indícios de que passamos por uma redefinição intensa do próprio cânone literário, embora os rumos possíveis dessa transformação sejam plurais e difíceis de precisar, merecendo, por isso, uma discussão mais detida.

## **O NEGRO NA NAÇÃO PRÉ-MODERNISTA EM CONTOS DE LIMA BARRETO E MONTEIRO LOBATO**

*Marcos Vinicius Caetano da Silva (UnB)*

O pré-modernismo brasileiro, período literário de transição de um academicismo intransigente para uma arte libertária genuinamente brasileira que espelhasse os impasses próprios de uma formação nacional inconclusa, abre espaço para a representação de contradições nacionais significativas através de dois autores: Lima Barreto e Monteiro Lobato. Uma temática que os aproximam no modo de representar os desajustes nacionais é o lugar do negro/mestiço na sociedade brasileira. Para examinar esse tema, que tem íntima relação com a questão nacional na república velha, os contos “Um especialista” e “Negrinha” foram eleitos para que, através da comparação e da crítica dialética, pudesse se verificar os conflitos sociais e culturais de uma nação em formação, evidenciados pelo processo de exclusão gerado por uma modernidade periférica que patrocinava modos diversos de marginalização, reconhecíveis pelo preconceito à cor da pele, pela organização estatal estagnada e pelo academicismo gramatical ultrapassado.

## **PROTAGONISMO FEMININO E NEGRO: REIVINDICANDO A ALTERIDADE**

*Maria Cristina Maciel Marques (UnB)*

Esta comunicação tem por objetivo fazer uma reflexão sobre a importância do essencialismo presente no conceito “literatura negra” como marca de pertencimento étnico, dando voz a um grupo silenciado e marginalizado historicamente. O povo, proveniente da diáspora africana, foi escravizado, rebaixado à condição de um ser “sem alma”. Durante quase quatro séculos de escravidão no Brasil, a ideologia dominante, para justificar a crueldade do sistema escravagista, elaborou e disseminou o princípio da inferioridade da raça negra. A partir desse contexto, por muito tempo, se justificou a ausência de obras de escritura negra no cânone literário pela suposta incapacidade intelectual desse povo. Sendo assim, os escritores negros têm que negociar ferozmente o espaço restrito e elitizado da edição bibliográfica. No caso das mulheres negras, a negociação é mais difícil, pois foram marginalizadas du-

plamente, pelo gênero e pela etnia. Falar em “literatura negra e feminina” é duplamente reivindicar a existência e o pertencimento étnico, tornando visível o que por muito tempo foi invisibilizado. A existência de escritoras negras reivindicando seu espaço de fala não é um fenômeno recente, pois precursoras abriram esse árduo caminho. O protagonismo feminino e negro na literatura brasileira está vinculado a um espaço de contestação e reivindicação da visibilidade.

# SEÇÃO TEMÁTICA 06

## Gestão de Políticas Públicas: a transversalidade de gênero, raça e classe

*Coordenação: Renísia Cristina Garcia Filice (UnB) & Marjorie Nogueira Chaves (UnB)*

*A interseccionalidade é uma categoria com um conteúdo político bem definido e abarca a complexidade da situação de indivíduos e grupos, considerando eixos de subordinação, a saber: raça/etnia, gênero, orientação sexual e condição de classe (Heilborn, 2011). Esta Seção Temática tem por objetivo avaliar a implementação de políticas públicas que buscam transversalizar estas dimensões, em especial de gênero e raça, com vistas a alterar os padrões de discriminação que atingem a maioria da população brasileira. A exclusão social e a pobreza a que estão submetidas mulheres e a população negra, em particular as mulheres negras, resultam da sobreposição dessas vulnerabilidades. Na atual reformulação do campo da gestão de políticas públicas e, conseqüentemente, na remodelação do Estado, os diálogos com os segmentos sociais precisam ser apreendidos por uma perspectiva interseccional. Assim sendo, esta ST tem por finalidade discutir os processos sociais e políticos presentes na elaboração, implementação e avaliação de políticas públicas, com destaque para as políticas focalizadas na educação básica e superior que articulem as dimensões de gênero, raça e classe. O debate resultante dessa seção visa contribuir para novas leituras acerca do alcance e dos limites das políticas públicas na efetivação da equidade nos programas governamentais em curso.*



## **“A CARNE MAIS BARATA DO MERCADO É A CARNE NEGRA”: UMA ANÁLISE SOBRE A ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL POR GÊNERO E RAÇA NO BRASIL**

*Ana Carolina Laureano Brandão (UnB)*

A ciência passou a olhar para as questões raciais no Brasil, principalmente, após a Lei do Ventre Livre, no ano de 1871, quando a escravidão no Brasil ruía gradativamente. Muitas teorias europeias eram utilizadas para explicar a “inferioridade” da raça negra. No Brasil, desde seu descobrimento, a herança centralista vem de longe. E mesmo após muitos anos de história e avanços no entendimento e compreensão das raças, as discriminações continuam a permanecer fortemente no país. Este trabalho tem por finalidade trabalhar questões de estratificação social por raça e gênero a luz de textos de estudiosos da área das Ciências Sociais, buscando construir a complexa estrutura racializada do Brasil. Na primeira parte, relato a questão da autoclassificação de raças a partir do Censo do IBGE e PNAD para desenvolver, na segunda parte, questões de Gênero e Raça a partir da teoria da Dupla Desvantagem de Leffer e Xu e por fim, traçar uma relação entre estratificação social e estratificação racial para assim pontuar questões referentes a oportunidades ocupacionais e de empregabilidade nos grupos sociais mais vulneráveis à discriminação no mercado de trabalho.

## **PROGRAMA DE AÇÕES AFIRMATIVAS NA UFSM: ACESSO E PERMANÊNCIA**

*Ana Lucia Aguiar Melo (UFSM)*

Este artigo discorre acerca das políticas de ação afirmativa de inclusão racial e social adotadas desde 2008 na Universidade Federal de Santa Maria. Perpassa sobre uma breve análise do ingresso à Instituição e as adaptações realizadas e necessárias à Lei nº 12.711/2012 – Lei das Cotas do governo federal. O aspecto central do artigo está na análise reflexiva realizada frente aos caminhos tomados desde sua implementação, focando nos fatores relevantes para a permanência dos cotistas, aos quais foram aliadas aos dados da série histórica em que se mostram as preferências dos cotistas por respectivos cursos e áreas do conhecimento, o impacto do ingresso medido pelo desempenho médio nos cursos da Instituição, além das possíveis causas de evasão. As fontes principais dos dados pesquisados foram fornecidas pelo Centro de Processamento de Dados (CPD) e pela Comissão Permanente de Vestibular (COPERVES). Uma análise acurada do Programa indica que as barreiras educacionais do acesso estão sendo vencidas, porquanto ainda persistam gargalos no desenvolvimento educacional, pela ausência de um acompanhamento pedagógico sugerido naquele Programa.

## **TRANSVERSALIDADE DE GÊNERO E RAÇA NAS POLÍTICAS PÚBLICAS: O DESAFIO DA INTERSECCIONALIDADE**

*Dayane Nayara Conceição de Assis (UFMG)*

O presente trabalho pretende analisar a transversalidade de gênero e raça nas políticas públicas. Intenta-se verificar em que medida as ações do Estado em promover políticas públicas destinadas à equidade de gênero e raça resultam em mudanças efetivas nas desigualdades sociais sofridas por esse grupo. Ou se o Estado, por não operar de forma transversal, apenas incluindo essas temáticas na formulação das políticas sem promover transformações nas instituições, acaba por reforçar o papel da mulher negra nos lugares minorizados e marginalizados, em que comumente se encontram na sociedade. Pretende-se ainda analisar o fator raça como reforçador de desigualdade face ao quesito gênero, uma vez que, quando comparamos os indivíduos desse grupo nota-se uma maior exclusão daqueles que além de se encontrar em desvantagem na diferenciação de gênero, são vítimas de preconceito racial.



**CONSTRUINDO AÇÕES AFIRMATIVAS NAS PERSPECTIVAS DE GÊNERO, RAÇA E CLASSE: O CASO DA UNILAB**

*Débora Nascimento de Sousa (UNILAB)*

Em 2011, na cidade de Redenção-CE, município pioneiro na abolição da escravidão regional, foi criada a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira -UNILAB). A UNILAB emerge no contexto das políticas de cooperação solidária Brasil/ África e de ações afirmativas no ensino superior. Atualmente está sendo criada a Pró-reitoria de Políticas Afirmativas e Estudantis (PROPAE), dentre os objetivos desta, está o fomento ao diálogo e à implementação de ações afirmativas. Nesse cenário, o trabalho visa analisar os processos sociais que envolvem essa dinâmica. Para tanto serão analisadas as ações iniciais da PROPAE em relação às ações afirmativas, bem como, a partir de pesquisa quantitativa e qualitativa realizada com estudantes de ensino médio da cidade de Redenção, serão analisados dados sobre o tema das ações afirmativas, ingresso na universidade, além do perfil dos futuros alunos (as), quanto aos recortes de gênero, raça e classe.

**DESVENDANDO SENTIDOS E USOS PARA A PERSPECTIVA DE INTERSECCIONALIDADE NAS POLÍTICAS PÚBLICAS BRASILEIRAS**

*Marilia Sorrini Peres Ortiz (FGV)*

A interseccionalidade tem se constituído como uma das principais ferramentas analíticas para teorizar identidade e opressão em diversas áreas do conhecimento. No campo de políticas públicas, apesar de ser um paradigma menos explorado, já é possível identificar algumas experiências governamentais em diferentes países que, influenciadas por organismos internacionais, têm despertado a construção de uma “nova agenda das desigualdades múltiplas”. Considerando este cenário, o artigo tem como objetivo situar o caso brasileiro na construção desta nova agenda a partir da análise de como o governo federal - por meio de suas Secretarias transversais (SPM, SEPPIR, SDH e SNJ) - tem buscado atuar considerando a perspectiva da interseccionalidade. O percurso metodológico incluiu uma revisão dos usos do conceito de interseccionalidade por diferentes estudos para subsidiar a análise de narrativas presentes em documentos e nas entrevistas a partir do método de Análise de Discurso (AD). Os resultados preliminares da pesquisa apontaram que dilemas como a dificuldade de compreensão de atuar considerando desigualdades múltiplas por parte dos gestores públicos e as próprias estruturas e métodos tradicionais de conceber as políticas públicas constituem entraves para o avanço deste paradigma no país.

**A MULHER NEGRA NOS LIVROS DIDÁTICOS**

*Roberta Rodrigues Rocha Pitta (UERJ)*

A Lei nº 11.645 que obriga o ensino da História Afro-Brasileira e Indígena é uma resposta positiva à luta do movimento negro e indígena no país. Porém, a representação da mulher negra nos livros didáticos está longe do ideal igualitário estimulado pela Lei citada. As imagens utilizadas nos livros didáticos do Ensino Fundamental, geralmente, apresentam os trabalhos dos artistas Jean-Baptiste Debret e Johann Moritz Rugendas. Quando eles retratam mulheres negras em seus trabalhos, essas são ligadas a sexualidade ou a trabalhos não qualificados, ocupando posição secundária em relação ao plano principal de suas obras. Em busca da afirmação das identidades negadas ou distorcidas pela historiografia, a análise proposta lança visão crítica sobre a construção do perfil feminino negro a partir das imagens disponibilizadas nesses materiais didáticos.

# SEÇÃO TEMÁTICA 07

## Entrecruzamentos de negritudes, dissidência sexual e de gênero: a própria casa da diferença

*Coordenação: Wanderson Flor do Nascimento (UnB) & Tatiana Nascimento dos Santos*

*No Brasil, a pesquisa acadêmica em estudos da negritude e também os setores mais expressivos do movimento negro nacional e LGBTQI - lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, queer e intersex - ainda não se comprometem de forma efetiva a uma análise da articulação entre racismo e homofobias. Com essa ST esperamos visibilizar mais o encontro entre negritudes e homossexualidades, com elementos capazes de criar ferramentas novas ao enfrentamento do racismo lesbo/homo/trans/travestifóbico, desde uma perspectiva feminista. Montamos esse espaço para apresentação e discussão de análises contemporâneas sobre identidades intersectadas em raça e orientação afetivo-sexual e/ou identidade de gênero para o diálogo entre pesquisadoras e ativistas de movimentos sociais sobre o encontro de raça e diversidade sexual, com foco na população negra LGBTQI e seus processos de autopercepção, vulnerabilização, exclusão ou empoderamento. São bem-vindas pesquisas apresentadas nos mais diversos registros envolvendo temas que intersectem, das mais variadas formas, as relações raciais, as diversidades de orientação sexual e/ou identidade de gênero, ligadas a experiências individuais ou coletivas, problemáticas de políticas públicas, vitimizações, críticas às hierarquizações de identidades em suas várias expressões, trajetórias de pessoas negras LGBT, religiosidades de matrizes africanas sobre o prisma da diversidade etc. As mais diversas produções textuais também serão acolhidas, desde que tratem das interseccionalidades indicadas neste ST.*



## **PARA ALÉM DAS CORES DO ARCO-ÍRIS: AS (IN)VISIBILIDADES DAS IDENTIDADES DOS CORPOS NEGROS TRANSVIADOS A PARTIR DO FILME TONGUES UNTIED (1989)**

*Daniel de Jesus dos Santos Costa (UnB)*

Originado a partir dos estudos sobre as identidades, sexualidade e negritude, este artigo propõe algumas estratégias sobre as identidades interseccionadas em busca de reconhecimento e inserção no discurso e nas afirmações identitárias. Apesar de surgir da insuficiência de estudos acadêmicos que “chapam” os corpos, optamos aqui pela estratégia de buscar outros referenciais teóricos para a ampliação dos limites de conhecimento sobre estas corporeidades. As consequências dessa movimentação são mais amplas e positivas do que parecem a priori, a depender dos efeitos da estratégia. O artigo defende a abertura de novas possibilidades para a estratégia identitária e para a política pós-identitária. Com efeito, este artigo propõe uma análise destas performatividades racial e homossexual dos corpos encontrados no filme *Tongues Untied* (1989) de Marlon T. Riggs, a fim de permitir um olhar sobre suas poéticas e políticas, e para, além disto, entender como estes corpos são depositários de identidades e discursos sociais.

## **“NEGÃO NA CABINE, PIVETÃO NA PISTA”: HOMOSSOCIABILIDADES GAYS ÉTNICO-RACIAIS EM SALVADOR**

*John Andrew Mundell (CEAO-UFBA)*

A investigação acerca das interações entre múltiplas masculinidades de homens gays em Salvador, Bahia, é o cerne deste trabalho, que versa sobre estas relações no âmbito de algumas boates e saunas da cidade. Na seara teórica enfatizamos os estudos sobre identidades masculinas na diáspora africana, homens nordestinos e a presença LGBTTTI em Salvador, bem como as relações etno-raciais na homossociabilidade. A importância deste trabalho é colaborar para uma maior reflexão sobre a inter e intrapluralidade da masculinidade negra e o homem negro gay em Salvador. Durante a investigação, foi realizada etnografia multisituada em duas boates e duas saunas soteropolitanas. As conclusões parciais deste trabalho apontam a importância de se pensar questões étnico-raciais por diversos ângulos, quais sejam, os marcadores sociais de diferença, como a exemplo da geração, classe/renda, além das imbricações entre masculinidades e feminilidades.

## **“PARA DE MENTIR, MOLEQUE!”: VIOLÊNCIA POLICIAL E REPRESSÃO DE UM HOMEM TRANSEXUAL E NEGRO**

*Marcelo Caetano da Costa Zoby (UnB)*

A partir de texto ensaístico, este trabalho pretende discutir a intersecção entre negritude e identidade de gênero, referindo-se particularmente sobre a experiência da existência enquanto homem transexual e negro. Considerando o genocídio da juventude negra que ocorre atualmente em nosso país (ANISTIA INTERNACIONAL, 2013), é de se esperar que jovens transexuais negros passem por experiências muito específicas quando colocados de frente com as instituições que promovem essa política. Nesse sentido, visamos a discutir as condições subjetivas a que essa população é submetida, destacando o gênero como condição de vulnerabilidade, já demarcada pela questão racial. Analisaremos como a violência policial, e toda violência institucionalizada, de modo geral, deixa marcas nos corpos muitas vezes já disformes desses jovens, de modo que o Estado passa a protagonizar políticas de opressão e discriminação, sob o manto da legitimidade e da legalidade.

**A CIDADE DAS MULHERES: SOBRE RUTH LANDER**

*Marcos Antonio Oliveira (UFRB)*

Em busca de apresentar ao leitor uma breve análise sobre o livro *A Cidade das Mulheres*, escrito por Ruth Lander, onde a autora faz uma belíssima reflexão da cultura baiana, em particular das histórias presentes nas vidas de homens e mulheres do candomblé, de suas sexualidades em relevância a sua posição dentro e fora da religião. Esta comunicação visa apontar, em modos analíticos, sobre o trabalho antropológico feito pela autora Ruth Lander no seu livro, vislumbrando fornecer um esboço da cultura e história da Bahia, de seus atuantes produtores a partir do embasamento teórico por meio da pesquisa bibliográfica. Como instrumentos de pesquisa foram utilizados a leitura de livros e teses referentes ao assunto, fundamentais para reunião dos dados da pesquisa.

**CONTEXTURAS DE MEMÓRIA E RESISTÊNCIA NOS POEMAS DE CONCEIÇÃO EVARISTO, CRISTIANE SOBRAL E TATIANA NASCIMENTO**

*Poliana Mendes Martins (UnB)*

Análise simbólica de três poemas de autoras contemporâneas negras, Conceição Evaristo, Cristiane Sobral e Tatiana Nascimento. Três mulheres negras inseridas em diferentes contextos sociais por conta de idade, região, ideologias, sexualidade y religiosidade. São três mulheres brasileiras, latino-americanas escrevendo sobre suas consciências y memórias. Escritoras. Poetisas por produzirem discursos como ferramenta política y construção social de identidades. A intenção não é resolver os sentidos dessas produções, mas analisar que caminho é possível percorrer para perceber o lugar de uma poesia negra feminina, ou simplesmente sondar o que é essa produção, o motivo de suas ausências nos espaços midiáticos de prestígio y reproduzibilidade, como também suas diferenças.

**A NARRATIVA DE AUTORIA FEMININA NA LITERATURA NEGRA BRASILEIRA**

*Selma Maria da Silva (FAETEC-SEEDUC)*

A Literatura Negra Brasileira materialização das apreensões poéticas de escritores negros é uma temática em discussão, no seio dos movimentos sociais que refletem sobre as relações culturais, políticas e sociais entre negros e não negros no Brasil, portanto, proponho neste texto específico focalizar a tensão entre raça e classe, dois conceitos que considero fundamentais, quando temos como contexto, o território da escrita, em um país ainda de muitos analfabetos em sua grande maioria negra, de ascendência africana, estigmatizados pelo histórico sistema escravocrata. A invenção da “negritude” à brasileira tem no protagonismo de homens e mulheres de ascendência africana a materialização de sua história, há uma memória do processo histórico da inserção dos nossos antepassados africanos visível para alguns e sistematicamente invisibilizada por aqueles que insistem em negar a presença de uma ação intelectual africana como também elemento fundante da sociedade brasileira. Porém, a reflexão terá como foco, no conjunto da Literatura Negra Brasileira, a autoria feminina, em particular da escritora Geni Guimarães, por ser produtora de uma narrativa temperada pela “negritude” à brasileira.

**TRADUZIR É RESSIGNIFICAR: AUDRE LORDE (RE)TRADUZINDO ZAMI Y BIOMITOGRAFIA, & RESSIGNIFICANDO LESBIANDE NEGRA DIASPÓRICA**

*Tatiana Nascimento dos Santos (UFSC)*

A publicação de *Zami, a new spelling of my name* [a biomytography by Audre Lorde] fez 30 anos em 2012. *Zami* nutriu o momento político do feminismo ocidental dos anos 1970 e 1980, materializando em ficção, um espa-

ço outro de teorização feminista, críticas de feministas de cor lésbicas à pretensa universalidade e homogeneidade da categoria “mulher”. Aqui, me interessa primeiro pensar a retradução/apropriação do termo *Zami* – expressão crioula granadina para “mulheres que trabalham juntas como amigas e amantes” (Lorde, 1982) –, feita por Lorde como prática de autotradução que dá significado próprio à sua lesbiandade negra. Depois, quero comentar os contornos mitológicos que a escrita de Lorde ganha pela ampliação da noção de autobiografia a biomitografia. Por fim, Pensando a tradução como um processo de resignificação, discuto esse processo de retradução & autotradução de Lorde como um de *transformance* = tradução + performance (Flotow, 2013), & meu papel como tradutora lésbica negra de queerizar y enegrecer a tradução feminista.



# SEÇÃO TEMÁTICA 08

## Mídia, racismo e representações sociais

*Coordenação: Kelly Tatiane Martins Quirino (UnB) & Ruth Meyre Rodrigues (UNICAMP)*

*Os meios de comunicação são canais estratégicos para a superação do racismo no Brasil. A mídia pode influenciar no que tange à construção das representações sociais além da disseminação de formas de pensar e agir junto à opinião pública. Desta forma, o objetivo desta Seção Temática (ST) será selecionar propostas de trabalhos que retratem as influências da mídia como condicionante de nossos gostos e preferências no processo educativo, no âmbito escolar ou em sua dimensão não institucionalizada.*





**BLOGS CONTRA O RACISMO NA PERSPECTIVA DA CONTRA-HEGEMONIA***Alan Santos de Oliveira (SEEDF)*

No mundo atual informatizado, o Blog consiste em uma ferramenta importante para as diversas manifestações sociais. Neste trabalho, pretendemos dialogar com outros (as) estudantes sobre a perspectiva contra-hegemônica de Gramsci neste contexto atual com foco nos blogs antirracismo ou de cultura afro-brasileira.

**OS NOVOS CAPITÃES DO MATO? UMA ABORDAGEM DAS RELAÇÕES RACIAIS ENTRE POLICIAIS NEGROS E CIVIS NEGROS***Aline Maia Nascimento (UnB)*

Atualmente já se somam muitos estudos que pontuam elementos discriminatórios na ação policial de suspeição. No sentido de que tais elementos demonstram uma prática de abordagem de diferenciação de poderes da polícia contra os negros, pobres e oriundos de qualquer desvantagem social. Apontando-nos que estes grupos são alvos recorrentes de revista, apreensão e acusação por parte da polícia. Este trabalho buscou compreender quais são as representações sociais que policiais autodeclarados negros elaboram de si mesmo, enquanto identidade profissional e as que constroem sobre sua corporação. Coube investigar se o imaginário do policial autodeclarado negro, adquirido em termos de suspeição, auxilia em uma abordagem não racista e não preconceituosa, no sentido que suas ações se pautem em direção de assegurar os direitos, a dignidade humana e sobretudo que zelem pelo princípio de isonomia presente em nossa constituição (art. 5º, caput, C.F./88). A metodologia utilizada na presente pesquisa foi aplicação de questionários para 1181 Policiais Militares do Distrito Federal e Entorno. O objetivo do debruçar neste tema está em incentivar estudos que busquem entender esse fenômeno e proporcionar reflexões sobre como imaginários racistas e preconceituosos, existentes na corporação militar, nos colocam distante de possíveis resoluções democráticas e igualitárias de conflitos.

**REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS MAINSTREAM***Anne Caroline de Souza Quiangala (UnB)*

Ross Campbell é um desenhista e roteirista estadunidense cujas histórias são protagonizadas por adolescentes ou mulheres jovens. Na História curta "Refugio" (publicada na revista Vertigo Especial: Atire, Panini Comics, 2013) a protagonista é uma jovem negra que está evidentemente exposta às forças sociais que pressionam e causam danos simultaneamente à sua psique e ao seu corpo. Partindo do conceito de Grotesco Feminino proposto por Mary Russo, analiso em "Refugio" a experiência histórica materializada. Ciente dessas forças que atuam sobre corpos e mentes desviantes, proponho uma leitura crítica da obra ancorada nos estudos de gênero (Feminismo Negro) e de identidade diaspórica.

**REPRESENTAÇÃO DO RACISMO À BRASILEIRA NA LITERATURA DE CORDEL***Cinthia Roberta dos Santos (UFAL)*

O presente artigo busca pensar as questões étnico-raciais existentes no processo de construção do imaginário sociocultural de homens e mulheres sertanejos no início do século XX. Para tal análise, recorreremos à literatura de cordel, prática cultural muito difundida no nordeste brasileiro, principalmente nos meios menos urbanizados. Traçaremos um diálogo entre história e literatura, em que, nos propomos a analisar de que maneira o racismo à brasileira difundido pelos intelectuais do início do século XX, foi representado dentro da literatura de cordel. Para tal,

mapearemos os discursos que constroem as representações desse imaginário sociocultural racista, como também os mecanismos sociopolíticos de sua produção.

## **A QUESTÃO RACIAL E CULTURA AFRO-BRASILEIRA: UM ESTUDO ACERCA DOS LIVROS DIDÁTICOS**

*Clarice Vieira (IFB)*

Desde a sanção da Lei nº 10.639 de janeiro de 2003, é obrigatório o estudo da história e da cultura afro-brasileira no ensino fundamental e no ensino médio das escolas brasileiras públicas e privadas. A escolha da matriz qualitativa como método de pesquisa teve como pressuposto identificar a abordagem da questão racial e da cultura afro-brasileira nos livros didáticos aprovados pelo Ministério da Educação (MEC) e utilizados nas escolas públicas de ensino fundamental do DF. A hipótese de que os livros didáticos ainda não colaboram de forma efetiva para a desconstrução da discriminação racial dentro do espaço escolar foi norteadada pela pesquisa documental. Para tanto, foram escolhidos quatro livros didáticos de história trabalhados no âmbito do ensino fundamental do Distrito Federal. A pesquisa buscou identificar a contribuição do conteúdo de história e cultura africana contido nos livros didáticos para a propagação da diversidade humana no espaço escolar a partir da promulgação da Lei nº 10.639/03 e da legislação correlata. A abordagem qualitativa utilizada foi a realização de duas entrevistas semi-estruturadas com ativistas do movimento negro e pesquisadoras da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD) e da Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação (EAPE). Os resultados da pesquisa demonstraram que apesar dos avanços significativos após a sanção da Lei nº 10.639/03, o campo teórico voltado para a temática racial ainda é carente de imagens e significados positivos do negro no decorrer da história brasileira, principalmente no período escravocrata.

## **AS BLOGUEIRAS NEGRAS ESTÃO AQUI**

*Charô Nunes & Larissa da Cruz Santiago*

O objetivo é apresentar como se organiza e qual tem sido o impacto do projeto Blogueiras Negras como contrapartida ao universo mostrado nas novelas e revistas femininas. A comunicação terá como sua espinha dorsal mostrar sobre o que fala a mulher quando em comunidade, a partir da urgência de fazer sua própria mídia e contar sua própria estória.

## **LIDANDO COM O CABELO CRESPO: EXPERIÊNCIA RACIAL DE JOVENS NEGRAS**

*Cleonice Perotoni (UFMT)*

Este estudo é um recorte da pesquisa do Curso de Especialização em Relações Raciais e Educação na Sociedade Brasileira, ofertado pelo Núcleo de Estudo e Pesquisa sobre Relações Raciais e Educação/NEPRE, da Universidade Federal do Mato Grosso. A pesquisa teve como objetivo investigar como as jovens negras percebem o preconceito racial em relação ao cabelo crespo e como lidam com o padrão de beleza instituída pela sociedade. A metodologia empregada teve uma abordagem qualitativa, realizada a partir de entrevista semiestruturada e embasada pela revisão bibliográfica. Os sujeitos da pesquisa foram jovens negras, alunas do curso profissionalizante da Escola Técnica de Lucas do Rio Verde/MT. Constatou-se que as jovens percebem os comportamentos negativos em relação ao seu cabelo provindos de todos os espaços sociais, principalmente no ambiente escolar e já trazem consigo as marcas do preconceito racial. Foi possível perceber os impactos ocasionados pelo padrão de estética estabelecida pela sociedade e que levam a rejeição e autorrejeição de jovens negras no que tange ao cabelo crespo. Revelam também que os cabelos crespos são concebidos como sinônimo de inferioridade.

## **REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NEGRAS: PROPAGANDAS VEICULADAS PELO MINISTÉRIO DA SAÚDE, UMA ANÁLISE HISTÓRICO-CULTURAL ACERCA DA IDENTIDADE**

*Esther Pinto Lima (UnB)*

O presente artigo é resultado da pesquisa do Programa de Iniciação Científica-Ações Afirmativas (ProIC) da Universidade de Brasília(UnB) e faz parte do Projeto de Pesquisa Narrativas e a construção da identidade de gênero e raça, coordenado pela professora Edileuza Penha de Souza. Como objeto de estudo, analiso tipos de representações atribuídos às mulheres negras em duas campanhas publicitárias sobre planejamento familiar, produzidas e veiculadas pelo Ministério da Saúde no período de 2007 a 2012. Nas peças identifiquei estereótipos socialmente construídos em relação às mulheres negras, colocando-as unicamente como mães solteiras e jovens. Entendo que a produção e veiculação dessas propagandas estruturadas por um órgão estatal ocasiona o Racismo Institucional.

## **A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DOS SUJEITOS USUÁRIOS DE DROGAS: MÍDIA, ILEGALISMOS E REPRESENTAÇÕES**

*Isabela Bentes Abreu Teixeira (UnB)*

A atualidade do debate acerca do consumo de drogas, principalmente no que diz respeito às ilícitas, tem construído no imaginário social determinadas identidades apontadas como o principal causador de violência. Desde o marco legal da proibição das drogas a nível mundial, várias campanhas e políticas foram desenvolvidas com o intuito de combater esse mal tão destrutivo. Resultado disso foi o constante embargo à produção da cocaína, que resultou no surgimento do crack, substância a qual quero dar o foco principal. No Brasil, a mídia tem movimentado seus noticiários com manchetes suscitando um pânico moral acerca dos seus consumidores, ampliando o processo de estigmatização e marginalização daqueles indivíduos caracterizados como negros e pobres, reforçando e ganhando consenso na sociedade que esforços devem ser ampliados para reprimir os espaços de consumo de crack, conhecidos como cracolândias. É com vistas nesse contexto que a discussão sobre mídia, ilegalismos e representações pautará a forma como são construídas as identidades dos usuários de drogas, em especial, os consumidores de cocaína fumada (crack).

## **AS MULHERES DAS CLASSES PERIGOSAS: MÍDIA, ESTEREÓTIPO E POLÍTICAS PÚBLICAS**

*Jessica Mara Raul (UERJ)*

Como processos vivenciados cotidianamente, a invisibilidade das mulheres negras na mídia faz parte de um longo processo de exclusão ao qual está submetida a população afro-brasileira. Estereotipadas e criminalizadas, muitas vezes essa invisibilidade ultrapassa as barreiras simbólicas se refletindo em políticas públicas, principalmente na área de segurança pública. As mulheres negras perdem sua identidade como seres humanos autônomos e passam a cumprir um papel meramente acessório (mãe e mulher de bandido). Tendo em mente as consequências devastadoras para este tipo de imposição, este trabalho propõe uma reflexão que transborda a perspectiva de gênero a partir do momento em que se propõe a analisar as representações das classes perigosas através dos tempos, tendo como componente significativo na sociedade contemporânea os meios de comunicação de massa. Desqualificadas em sua condição de seres humanos, as mulheres são tratadas como objeto secular de satisfação masculina e/ou meramente ignoradas em suas reivindicações por melhores condições de vida, por pertencerem aos extratos marginalizados em uma sociedade cujo racismo e sexismo são componentes sutilmente reforçados nos diversos meios de comunicação.

**CULTURA VISUAL E PROTAGONISTAS NEGRAS: REPRESENTAÇÕES VISUAIS DAS MULHERES NEGRAS NA PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL**

*Juliana Rodrigues de Sousa (UnB)*

Esta monografia é um estudo sobre representações visuais de mulheres negras elaborado a partir dos efeitos produzidos pela cultura visual hegemônica no Brasil. O objetivo é o de analisar a construção dos discursos, a produção de sentidos e a criação dos estereótipos presentes nos modos mais recorrentes de olhar o referido segmento. De tal importância também se torna a avaliação dos efeitos dessas práticas na formação identitária das mulheres negras, e na construção do imaginário social e cultural da sociedade brasileira.

**MULHERES NEGRAS, REPRESENTAÇÕES E AFETIVIDADE: UMA ANÁLISE FÍLMICA DE BENDITO FRUTO**

*Kelly Cardoso da Silva (UnB)*

A difusão da mídia cinematográfica, na primeira metade do século XX, compreende um novo meio de comunicação e entretenimento. O cinema e a televisão se tornaram importantes irradiadores da ideologia dominante, além de construírem referenciais de comportamento e valores e serem poderosos instrumentos de influência sobre o imaginário social brasileiro. Nessa perspectiva, analiso algumas representações associadas às mulheres negras, usando como corpus o filme *Bendito Fruto* (Brasil, 2004, 90 min.), dirigido por Sérgio Goldenberg. A personagem Maria (Zezeh Barbosa) possibilita perceber o papel que a mulher negra representa na sociedade, bem como refletir sobre a carreira das trabalhadoras domésticas, os espaços que elas ocupam e as relações de afeto. A pesquisa apresenta a propagação dos estereótipos pela mídia, e apresenta a história de Maria, uma mulher negra, mãe solteira e empregada doméstica.

**PERFIL DOS JORNALISTAS MIRINS DO JORNAL CIENTÍFICO DIÁRIO DA CACHOEIRA, DA ESCOLA ESTADUAL MINISTRO JOSÉ RABELO, NA CIDADE DE CACHOEIRA/BA**

*Lorena Morais Rodrigues (UFRB)*

Este trabalho tem como objetivo analisar o perfil dos alunos e alunas que estão produzindo jornalismo científico na Escola Estadual Ministro José Rabelo, na cidade de Cachoeira/BA. A produção é parte do meu Trabalho de Conclusão de Curso, desenvolvido no curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), que tem como proposta a produção de um jornal impresso científico a partir da Oficina de Jornal na Escola, realizada desde dezembro de 2012 e que faz parte do Programa Mais Educação do Governo Federal. Criamos um questionário com 32 perguntas abertas e fechadas em três partes: 1) Construindo o jornal; 2) Processos de Comunicação e Ciência; 3) Perfil socioeconômico; o qual foi aplicado a 26 alunos e alunas do Ensino Fundamental II, que fazem parte do projeto. Os resultados mostraram uma turma formada por uma maioria feminina, autodeclarada como sendo composta por negros e negras e com uma porcentagem de 77% que são assistidos pelo Programa Bolsa Família. Em relação à construção do jornal, 84% dos alunos e alunas têm interesse em Ciência e Tecnologia. O grande desafio é vencer a dificuldade com a leitura e a escrita, portanto buscamos alternativas de contribuir com esta produção e produto final.

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA MULHER NEGRA NO HIP HOP: UMA ANÁLISE DO FILME ANTÔNIA**

*Ludmila Pereira de Almeida (UFG)*

O hip hop vem se fortalecendo como um local de expressão e crítica da realidade. Porém, percebemos

que o hip hop é tido, predominantemente, como um estilo masculino, em que a representação da mulher negra é marginalizada. Teremos então como corpus o filme *Antônia* (2006), que retrata a história de quatro mulheres negras cantoras de rap que moram na favela da Brasilândia em São Paulo. Com isso, temos como principal objetivo analisar como são construídas as representações da mulher no hip hop tendo como base o filme *Antônia* e procurando saber como são performatizadas as noções de gênero e raça, nos levando assim a uma possível formação da identidade da mulher no hip hop. Para isso, teremos as contribuições de Austin (1998) que nos definirá a performatividade da linguagem, Butler (2003) que discute as concepções de gênero, Spivak (2010) com a noção de um sujeito subalterno, Pardue (2008) e Almeida & et al. (2010) com relação a mulher no hip hop no Brasil. Teremos então que o sujeito mulher, concebida dentro de padrões performáticos de gênero, é barrado por preconceitos quando tenta se inserir em um espaço masculinizado socialmente como o hip hop, já que sua “feminilidade” nesse contexto é tida muitas vezes como distração, mas temos em *Antônia* uma procura de transgressão e reconstrução da identidade feminina no hip hop.

### **CINEMA NEGRO AFRICANO: A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO FESPACO**

*Maíra Zenun de Oliveira (UnB)*

Este apresentação pertence ao campo de estudo das relações sociais de raça na sociologia. Trata-se de uma proposta de trabalho sobre as representações sociais femininas propiciadas por processos culturais e identitários específicos, que reverberam particularmente no campo da imagem cinematográfica africana. O objetivo, portanto, é apresentar uma primeira investigação sobre como determinadas práticas culturais, e as formas de autorrepresentação resultantes dessas práticas, aparecem nos filmes premiados pelo Festival Pan-Africano de Cinema e Televisão de Ouagadougou (FESPACO).

### **DISCURSOS E REPRESENTAÇÕES SOBRE OS NEGROS E A ÁFRICA NOS MANUAIS ESCOLARES DE LÍNGUA PORTUGUESA**

*Melina Sousa da Rocha (UFMG)*

Este estudo pretende investigar, nos diversos países de língua portuguesa: Portugal, Brasil, Moçambique, Angola, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, os discursos e as representações da África e dos negros presentes nos manuais escolares de Português e História, do ensino básico. A pesquisa remete-se à Lei nº 10.639/03 que torna obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. Os objetivos são identificar e analisar as representações visuais e verbais dos negros e de África presentes nos manuais escolares, bem como as dimensões organizacionais, mercadológicas e estruturais das políticas públicas de produção dos manuais didáticos nos países africanos. A metodologia utilizada consiste na análise do manual e do levantamento bibliográfico de estudos críticos sobre materiais didáticos, análise crítica do discurso (ACD) e relações étnico-raciais. A análise nos direciona a algumas considerações: os manuais contam com a representação da população negra do país, inclusive na capa e apresentam diversos conteúdos que demonstram a contribuição da população negra no processo de construção dos países, além de características físicas e históricas sobre a população. A partir dessas considerações, podemos concluir que os manuais buscam representar e valorizar a história dos diferentes povos que vivem nestes países.

### **A MÍDIA QUE NOS REPRESENTA**

*Renata Rodrigues Lopes & Thais Silveira (Editora Pérola Negra)*

O Rio Grande do Sul é um estado conhecido pela colonização europeia e os negros gaúchos sofrem com o processo de invisibilidade pela grande mídia que não retrata a verdadeira diversidade étnica desta região. A revista

da Editora Pérola Negra destaca a participação dos negros na sociedade gaúcha priorizando as iniciativas empreendedoras, o resgate histórico e abordando temas como a valorização da beleza afro, as reivindicações da comunidade negra, os eventos, as datas comemorativas e todas as notícias de interesse da comunidade negra que não são destacadas pela grande mídia. A grande mídia influencia e retrata os padrões e a cultura de uma sociedade. E ainda percebe-se que há uma “tendência a manter uma lógica que privilegia o papel dos brancos como sujeitos dos processos históricos, em detrimento de negros, tratados como objetos e com espaço na sociedade delimitados restritivamente” (Pinto, 1999, Oliveira, 2000, Cruz, 2000). Os resultados que observamos de forma empírica são a melhora na autoestima dos negros e o estímulo para que os empresários enxerguem esse mercado de consumidores com mais interesse e respeito inclusive utilizando cada vez mais modelos negros em suas campanhas publicitárias. É fundamental que busquemos alternativas para superar o racismo institucional que impede os negros de serem valorizados pela grande mídia.

## **A INFLUÊNCIA DA SOCIEDADE NA FORMAÇÃO DA CONDUTA DE CRIANÇAS E JOVENS**

*Saulo Vinícius de Souza Simão (IFB)*

A influência da sociedade na formação da conduta de crianças e jovens. Tenho como proposta desenvolver uma versão do experimento de psicologia social com crianças através do teste com bonecas, realizado pela primeira vez pelo psicólogo americano Kenned Clark. São mostradas duas bonecas, uma negra e outra branca para crianças de diferentes faixas etária, raça e classe social, e são feitas diversas perguntas para atribuir adjetivos e características a essas bonecas, com intuito de analisar o conceito de caráter e moral que as crianças constroem através da cor e aparência das bonecas e a influencia da sociedade e da mídia perante a ideia apresentada por elas. O teste já foi realizado em vários países e inclusive no Brasil, e em todos eles mostrou dados significativos e preocupantes em relação à discriminação racial. O objetivo não é julgar a ideia das crianças e sim questionar por que elas tiveram essa percepção apenas pela diferença racial. E, com base nos resultados dos testes desenvolvidos, abrir uma sessão de debates.

## **REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA TV BRASILEIRA – ESTUDO DE CASO DO JORNAL NACIONAL, DE CAMPANHAS PUBLICITÁRIAS NA PERSPECTIVA DO ESTATUTO DA IGUALDADE RACIAL**

*Verônica Soares da Silva (Câmara Legislativa-DF)*

O artigo 44 do Estatuto da Igualdade Racial, aprovado em 2010, prevê a participação da população negra nos espaços publicitários, filmes nacionais e programas veiculados pelas emissoras de televisão. Nos trabalhos de conclusão de curso intitulados “A imagem do negro na publicidade brasileira” e “Imagens Negras – a representação de negros no Jornal Nacional”, verificou-se, após pesquisas quantitativas e qualitativas, que apesar de estar previsto no Estatuto da Igualdade Racial, há uma invisibilidade da população negra na televisão brasileira. A constatação dos trabalhos mostrou que a representatividade da imagem do negro na TV brasileira anda na contramão dos números do próprio Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): o censo de 2010 mostrou que 50,7% da população brasileira é negra. A discordância dos números de negros no Brasil e a sua representatividade na TV brasileira reforça o mito da democracia racial. Este mito surge com a obra de Gilberto Freyre, Casa Grande e Senzala, no qual é destacada a harmonia nas relações raciais entre negros e portugueses no período colonial. Este pensamento entra no imaginário nacional e naturaliza as relações raciais no país, o que explica, em parte, a invisibilidade negra nos espaços publicitários, filmes nacionais e programas de TV.

# SEÇÃO TEMÁTICA 09

## Questões de gênero e de raça na Rede Federal de Educação Tecnológica: políticas e ações de gestão, ensino, pesquisa e extensão

Coordenação: Pollyana Maria Ribeiro Martins (IFB) & Glauco Vaz Feijó (IFB)

*Quando promulgada e posteriormente regulamentada, a Lei nº 12.711/2012, que estabeleceu a obrigatoriedade da adoção de cotas pelas universidades e institutos federais para estudantes que cursaram o ensino médio em escolas públicas, incluindo percentual para autodeclarados negros, previu a adoção gradual das cotas para se alcançar o índice de 50% de vagas destinadas aos cotistas até 2016. Os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, contudo, adotaram o índice de 50% já no primeiro ano de vigência da Lei. A decisão não foi possível, como pode parecer, devido à juventude dos Institutos Federais, basta lembrar que, embora rebatizados, alguns IFs já têm mais de um século de vida. A rápida implementação da Lei de cotas nos IFs revela um dos traços que marcam a trajetória da Rede: o desafio da inclusão. Desafio exponencialmente multiplicado pela multiplicidade de sujeitos, identidades e representações sociais e políticas que tanto marcam a contemporaneidade. Dois grandes desafios de construção da igualdade dentro da diversidade que já não podem deixar de ser enfrentados pelos Institutos Federais são a inclusão em suas pautas de políticas e ações voltadas para o combate ao racismo e ao sexismo e a consequente promoção da igualdade racial e de gênero. O objetivo dessa ST é acolher propostas de comunicação que tragam relatos de experiências e reflexões sobre políticas e ações ocorridas, ou em curso, no âmbito da Rede Federal de Educação Tecnológica nos eixos de gestão, ensino, pesquisa e extensão, que tenham por objetivo a promoção da igualdade racial de gênero.*





Esta seção temática foi cancelada devido ao reduzido número de propostas de comunicação submetidas.



# SEÇÃO TEMÁTICA 10

## Arte e identidades negras

*Coordenação: Nelma Cristina Silva Barbosa (CEAO-UFBA)*

*Esta Seção Temática pretende reunir trabalhos que discorram sobre experiências e estudos da produção artística negro-mestiça no campo das Artes Cênicas (Teatro e Dança), das Artes Visuais, Música e produção audiovisual. Interessa-nos refletir sobre aspectos como a institucionalização, processos de criação, autoria, filosofia da arte, forma, recepção, formação de público, entre outros, que relacionem Arte e identidades negras. Visamos propor um debate atual que abarque múltiplas possibilidades e instrumentos para a compreensão das expressões artístico-culturais afro-brasileiras.*



**O ESPAÇO DO DANÇARINO NEGRO NA DANÇA***Ana Carolina de Albuquerque Costa (IFB)*

Reflexão sobre o espaço do dançarino negro na dança, buscando trazer contextos históricos e análises do processo do negro na dança, voltado para um contexto brasileiro, trazendo análises sobre a trajetória desses dançarinos e de como se inserem ao longo de suas trajetórias neste contexto. A busca e a criação de espaços próprios que esses dançarinos propiciam assim como novos estilos. O preconceito e a marginalização da cultura conduzem a uma reflexão sobre onde estão inseridos os dançarinos negros e de que forma foram inseridos, buscando trazer também o contexto da licenciatura em dança.

**PROJETO DO DESCARTE À ARTE: CAPACITANDO MULHERES NEGRAS INTERNAS DO SISTEMA PENITENCIÁRIO DO DISTRITO FEDERAL NA PRODUÇÃO DE ADEREÇOS PARA A VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE AFRO-BRASILEIRA***Elisama Gomes dos Santos & Selma Moura Tavares (IFB-CGAM)*

No Brasil, são coletadas diariamente 188,8 toneladas de resíduos sólidos. Apesar da coleta seletiva estar crescendo, a economia ainda se baseia no “pega-produz-consome-descarta”. Por outro lado, cresce a necessidade de capacitação da população carcerária com vistas à reinserção social das presidiárias. Neste contexto, o Projeto de Extensão Do Descarte à Arte, inserido no curso de Design de Cabelos Afro do Programa Mulheres Mil, ofertado pelo Instituto Federal de Brasília/Campus Gama, objetiva capacitar 25 mulheres negras internas do sistema prisional do DF na produção de adereços (tiaras, colares, brincos e pulseiras) para a valorização da identidade afro-brasileira a partir da utilização de materiais de descarte. A capacitação possibilita às mulheres o despertar de vocações e o desenvolvimento de habilidades e competências para o trabalho artesanal criativo, e o fortalecimento da identidade da mulher negra através da valorização da estética africana. As mulheres, quando egressas do sistema penitenciário, poderão se inserir no mundo do trabalho de forma autônoma gerando renda através da produção artesanal e comercialização de produtos de baixo custo e alto valor de mercado, além de agregar valor ao serviço prestado como design de cabelo.

**CORPORIFICANDO E EXPRESSANDO A NEGRITUDE NO CAMINHAR PELA VIDA ATRAVÉS DA BIODANÇA: UMA EXPERIÊNCIA COM MULHERES NEGRAS DO SISTEMA PRISIONAL DO DISTRITO FEDERAL***Êrika Fernandes Cruvinel & Nanci Ferreira (IFB)*

A Biodança é um sistema de desenvolvimento humano voltado para a expressão das potencialidades genéticas de cada pessoa, muitas vezes reprimidas/negadas. Utiliza música, movimento e consigna para deflagrar vivências harmonizadoras / integradoras que promovem o fortalecimento da identidade. A Biodança orienta-se pelo Princípio Biocêntrico e busca sacralização da vida. Na Biodança, cada indivíduo gera sua própria dança e nela expressa sua existência. O caminhar é um exercício utilizado em grupos de iniciantes, intermediários e avançados por expressar a atitude do homem frente à vida. Por isto, a Biodança foi inserida no curso de Design de Cabelos Afro ofertado pelo Instituto Federal de Brasília/Campus Gama a 25 mulheres negras do Sistema Prisional do DF. Nas aulas, a análise do caminhar revela as atitudes das internas frente à vida possibilitando o planejamento da aula seguinte e a facilitação do momento verbal de maneira contextualizada. Nos exercícios de caminhar pela vida, através da escolha cuidadosa das músicas e construção poética da consigna, as mulheres vivenciam a beleza de ser negra, trazem para o momento vivido e corporificam suas origens africanas de forma afetiva, construindo/consolidando uma identidade negra. A corporificação da negritude é avaliada pelas próprias mulheres no encontro seguinte através da verbalização das emoções vivenciadas.

**CORPO E MEMÓRIA: A DANÇA AFRO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

*Jadiel Ferreira dos Santos (UFAL)*

O presente estudo surge como reflexão do projeto Dança Afro, aprovado no Programa vivência de Artes na UFAL nos anos de 2010 e 2011. Nesse trabalho foram abordadas questões relevantes para o contexto escolar, fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais que estabelece o ensino da História e Cultura Afro-brasileira, Africana e Indígena em escolas públicas, privadas e na formação de professores, Lei nº 11.645/08. Sob essa perspectiva, o projeto prevê estabelecer diálogos possíveis na reestruturação curricular, no fazer artístico e na formação de professores nos Cursos de Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas. Buscando oferecer soluções na área da educação por meio de políticas de ações afirmativas, ou seja, de reparação e valorização da população afrodescendente do seu reconhecimento, cultura e identidade. A diretriz aqui proposta trata de uma política curricular que tem como fundamento as dimensões históricas, sociais e antropológicas com origem na realidade brasileira, buscando combater e superar o racismo e as discriminações que atingem de modo particular a população negra. Por entender que o respeito aos valores culturais como princípios constitucionais da educação, tanto quanto da dignidade humana, sejam postos livres de preconceito. Nessa perspectiva, é urgente a adoção de um fazer pedagógico que prepare os novos e os antigos professores para uma educação que dialogue com a sociedade contemporânea. Para resignificar o movimento humano dentro da prática educativa, atuando no verdadeiro compromisso da escola, estabelecendo elos entre Arte e Educação para que juntas atuem uma pedagogia relacional.

**A RETOMADA DO PASSADO AFRICANO PROPOSTA PELO BLOCO AFRO ILÊ AIYÊ**

*Maria do Socorro Silva Aquino de Deus (UNEB)*

Este trabalho toma como objeto de estudo o Bloco Ilê Aiyê. Nesta pesquisa busca-se inferir a retomada do passado africano proposta pelo Bloco afro Ilê Aiyê, utilizando as figuras da Mãe Preta e da Deusa do Ébano como símbolos de identidade negra ancorada em uma proposta estética de afirmação e reelaboração da autoestima dos afrodescendentes. Certos elementos culturais são utilizados pelo Bloco como sinais emblemáticos da diferença e constituem o perfil sugerido: a vestimenta, a dança, o canto, os traços étnicos, a religião, a ancestralidade, formando o chamado Perfil Azeviche, representando culturalmente sua proposta de combate ao racismo e à discriminação. Retomam-se nesse estudo, para tanto, leituras produzidas sobre o movimento negro no Brasil e nas diásporas africanas e a inserção dos blocos afros no carnaval de Salvador como um dos meios utilizados, artisticamente, para denunciar e discutir o racismo e a discriminação.

**ARTE AFRICANA CONTEMPORÂNEA: PRIMEIROS OLHARES**

*Nelma Cristina Silva Barbosa de Mattos (CEAO-UFBA)*

O trabalho discute o aparecimento da categoria Arte Africana Contemporânea, remarcando o papel das exposições de arte para a construção desse conceito. Exposições internacionais de arte dos últimos trinta anos têm tido considerável importância no desenho de traços daquilo que nomeamos como arte africana contemporânea. Esse trabalho situa a categoria na rede que articula o sentido da circulação de obras de arte e descreve a força do olhar externo ocidental na definição do que se concebe atualmente como produção artística do continente africano. A ideia de contemporaneidade da arte africana traz muitas possibilidades num debate. Infelizmente, o sistema da arte que aí está admite posicionamentos unilaterais e fundamentalmente etnocêntricos, subordinados aos interesses do grande capital econômico. Enquanto isso, a África ainda não tem um mercado ou sistema de circulação das obras de arte contemporâneas fortes o suficiente para engendrar novas conexões.

**LINGUAGEM DE “UM LUGAR” - A DANÇA COMO ELEMENTO DE IDENTIDADE**

*Rosane de Assis Barbosa (UFRRJ)*

Pretendo nesta comunicação relatar minha experiência como Professora (psicóloga Negra) na aplicação da Lei nº 10.639/03 em sala de aula da Faculdade de Dança Angel Vianna – FAV – RJ, ao ministrar a disciplina IMPOB (Imaginário Popular Brasileiro) no decorrer de quatro anos letivos de 2009 a 2013. Baseada na Lei nº 10.639/03, a presente comunicação relata a Linguagem de “Um Lugar” - A Dança Negra como elemento de Identidade, como processo político de construção de patrimônio e memória coletiva. O desafio de seduzir para então ensinar, contando uma outra História. Propondo visitas a espaços como terras de Quilombolas (em festas abertas visando à troca com os protagonistas), despertando assim o interesse pelo tema referente à Lei nº 10.639/03 e a sua aplicabilidade. Ilustrar estratégias pedagógicas narrando os caminhos percorridos da pesquisa de campo à reprodução de conteúdo em sala de aula dos cursos de Licenciatura em Dança e Formação do Interpretador em Dança nesta Faculdade localizada na Zona Sul do Rio de Janeiro. Acreditando que, com esta comunicação e meu fazer, possa então estar contribuindo para o desenvolvimento do Humano no Hoje, sabendo que: “É no corpo onde são travadas as lutas pela permanência no mundo – E que paralisar o corpo é esquecer” (Barata, 2008).

**GUERREIRAS DO RAP: A INVISIBILIDADE DA MULHER NEGRA PRODUTORA DE CULTURA HIP HOP DO DISTRITO FEDERAL E ENTORNO**

*Verônica Diano Braga (Faculdade ICESP/PROMOVE-DF)*

O objetivo deste trabalho é contribuir no contexto do debate acadêmico sobre a questão de gênero, raça e Hip Hop. O presente estudo versa sobre a trajetória de jovens cantoras negras de rap que produzem cultura Hip Hop no Distrito Federal e Entorno e que, invisivelmente, movimentam a revolução através das palavras. Pioneiras no trabalho desenvolvido com rap. Vera Veronika, pedagoga, que aborda as questões sociais, raciais e de diversidade desde 1992 com suas letras de rap, é o objeto de estudo deste trabalho. Analiso as letras que retratam a trajetória e intervenção social da militante negra com o propósito de discutir a problemática de como o rap feminino estabelece discursos representativos do imaginário social, de gênero e de raça, e como sua invisibilidade se faz presente na cultura urbana, mas não na vida cotidiana das e dos silenciados/as.





# SEÇÃO TEMÁTICA 11

## Corpos plurais: gênero, raça e experiência social

*Coordenação: Bruna Cristina Jaquetto Pereira (UnB) & Ana Cláudia Jaquetto Pereira (UERJ)*

*A proposta do ST é estimular reflexões sobre as experiências relacionadas aos marcadores corporais de gênero e raça, tanto no que diz respeito às múltiplas possibilidades de vivências identitárias, quanto no que tange à articulação de hierarquias sociais. Propõe-se que os/as participantes contemplem em seus trabalhos: as formas como a inserção corpórea quanto a gênero e raça impacta a subjetividade, a maneira como ela está imiscuída nas relações interpessoais, o modo como ela é compartilhada entre coletividades e também como ela se articula em nível estrutural, configurando diferenças e desigualdades.*



## **AÇÕES DE DESCONSTRUÇÃO DOS PRECONCEITOS RACISTA-SEXISTA NO ÂMBITO DO INSTITUTO FEDERAL DE GOIÁS (RELATO DE EXPERIÊNCIA)**

*Ana Cláudia Alves Azevedo & Leticia Érica Gonçalves (IFG)*

É sabido que somente por meio da Educação podemos promover a reforma do pensamento, a construção da consciência crítica, a emancipação e a autonomia do sujeito (FREIRE, 2007; SANTOS, 2004). Também é por meio da Educação que podemos desconstruir pensamentos preconceituosos racistas-sexistas e fortalecer a concepção de que ensinar é mais que a reprodução de saberes técnicos, é sobretudo a contribuição para uma formação integral de seres conscientes e capazes de atuar e transformar o mundo no qual estão inseridos. Consciente de seu papel, desde sua implantação em 2010, o Instituto Federal de Goiás (IFG), vem concebendo ações com o propósito de valorizar a cultura afro-brasileira, fomentar o debate e a reflexão sobre os preconceitos raciais e de gênero, discutir a violência contra as mulheres e as políticas públicas de proteção, prevenção e erradicação desse fenômeno, tendo a educação anti-sexista e anti-racista como princípio norteador. Esta comunicação pretende fazer um relato das ações de educação, de leitura e de intervenção na sociedade luzianiense, que foram desenvolvidas nesses três anos no IFG. Visa relatar ainda as dificuldades superadas e os resultados obtidos junto à comunidade acadêmica, aos servidores e à comunidade local.

## **“CORPOS MARCADO/AS POR GÊNERO E RAÇA”: EXPERIÊNCIAS DE MULHERES NEGRAS MILITANTES EM SÃO LUÍS – MA**

*Ana Nery Correia Lima (UFMA)*

O corpo feminino tem um “valor” e um molde, e este molde não é o do corpo da mulher negra. As marcações de gênero e raça na produção das identidades constroem representações dos outros bem como autorrepresentações. Na relação entre a produção da representação de si e do/a outro/a, as intersecções de gênero e raça demarcam esses corpos, construindo experiências múltiplas e diversas em cada sujeito/a. Este trabalho tem como objetivo fazer uma análise da produção das identidades marcadas pelo gênero e pela raça partir dos relatos de mulheres negras militantes em São Luís do Maranhão, demarcando suas experiências pessoais no contexto em que vivem. Utilizo como base autoras como Judith Butler, que reflete sobre os contornos do sujeito do feminismo e problematiza a categoria mulher; Avtar Brah, que apresenta argumentos para compreender a racialização do gênero e os contornos que ainda fazem da “raça” um marcador inerradicável de diferença social; Henrieta L. Moore, que pensa as subjetividades nas marcações identitárias de gênero e raça, bem como Sueli Carneiro e Neusa Santos Souza que pensam o “ser mulher negra” no Brasil.

## **TECENDO AMORES E RIMANDO IDENTIDADES: A EXPERIÊNCIA AFETIVA DE JOVENS NEGRAS NO RAP BRASILENSE**

*Andressa Marques da Silva*

As relações afetivas das mulheres negras foram historicamente entrecortadas por condições históricas que as subjulgaram como incapazes de protagonizar o afeto de maneira ‘lícita’, desde a negação da experiência da maternidade até a dificuldade na constituição de suas famílias no período escravocrata. A vivência das relações afetivas se tornou uma impossibilidade para essas mulheres, que moldaram seu afeto na clandestinidade e em paralelo ao estigma de ‘mulata para foder e negra para trabalhar’, como ecoou um ditado popular oitocentista. A presente comunicação buscará os rastros que tais cerceamentos afetivos deixaram na subjetividade das mulheres negras, tal trilha será feita a partir do gênero literário rap. Que vivências de afeto são compartilhadas e compõem as relações interpessoais das jovens negras representadas nas letras da rapper Vera Verônica e do grupo Atitude Feminina?

**PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO E SAÚDE DE MENTAL DE MULHERES NEGRAS: O IMPACTO DO RACISMO**

*Fernanda Britto Pinheiro Cerqueira (UniCEUB)*

Ao considerar a Psicologia uma ciência e profissão que tem sua atuação marcada pela compreensão dos processos de subjetivação humana, o objetivo deste trabalho é problematizar o posicionamento dessa disciplina frente à temática das relações étnico-raciais, além de refletir sobre o impacto do racismo no processo de subjetivação e na saúde mental de mulheres negras. Para isso, realizei entrevistas abertas com foco nas histórias de vida de psicólogas negras, essas escolhas metodológicas se deram porque, no meu entender, ao afirmarem seu pertencimento racial, estas participantes poderiam falar de suas experiências tanto como psicólogas negras quanto como mulheres negras. Tendo por referência o debate teórico contemporâneo interdisciplinar sobre identidade e racismo, entendo que as identidades são posições ocupadas contextualmente, como resultado de processos de identificação e de interpelação, mas também de conflitos entre o fazer-se representar, por uma imagem positiva, e ser representado pelos outros, muitas vezes por uma imagem desfavorável. Sendo assim, se faz importante conhecer as trajetórias e narrativas de indivíduos diante de uma cultura fortemente influenciada pela história da diáspora africana, a partir do seu pertencimento coletivo e singular, considerando os processos de inferiorização e afirmação de si.

**PROBLEMATIZAÇÃO DO CORPO NEGRO A PARTIR DA PERCEPÇÃO DE USUÁRIOS E PROFISSIONAIS DE UMA UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE**

*Fernanda Lopes Bento Xavier (UnB)*

Viveu-se durante muito tempo o mito da “Democracia racial”, onde se acreditava que diferentes “raças” eram portadores de mesmos direitos, deveres e assistências. O movimento negro faz com que o entendimento de “democracia racial” seja colocado em discussão e surgem, como forma de negação desta, políticas para promoção da igualdade racial no país. A pesquisa apresentada é qualitativa, com enfoque etnográfico, e tem como objetivo a análise qualitativa em uma unidade básica de saúde, por meio da percepção que usuários e profissionais do sistema de saúde têm sobre o “corpo negro” e a influencia que a cor de seus corpos exerce na saúde e no atendimento ali realizado; do entendimento e da importância dada à raça, corpo e a cor pelos usuários do sistema de saúde, e ainda se esta interfere em suas vidas. Os resultados esperados dessa pesquisa são uma análise e reflexão da percepção de usuários e profissionais da Unidade Básica de saúde sobre a cor de seus corpos e a influência que essa tem em suas ações cotidianas e principalmente na saúde. A problematização da percepção social sobre o tema racial e a questão do racismo institucional.

**DIREITOS REPRODUTIVOS: DINÂMICAS E EXPERIÊNCIAS DE MULHERES NEGRAS**

*Kauara Rodrigues Dias Ferreira (UnB)*

Neste trabalho, examino contribuições de duas correntes intelectuais, o feminismo negro e a sociologia, para o estudo das desigualdades raciais no campo da saúde reprodutiva das mulheres brasileiras, buscando compreender quais são as visões de conexões entre corpo, raça, gênero e classe social nas quais elas se baseiam. Apesar da sociologia das relações raciais ter produzido, nas últimas décadas, uma quantidade considerável de dados empíricos sobre desigualdades e discriminação racial, a descrição das dinâmicas que produzem estas desigualdades é ainda uma lacuna a ser enfrentada. Contudo, as análises sociológicas carregam, necessariamente, ideias implícitas sobre as formas como as desigualdades são produzidas, reproduzidas e resistidas nos corpos portadores de gênero e raça, as quais delimitam as compreensões de Direitos Reprodutivos que elas endossam. Ao me deter sobre estas ideias, procuro identificar tendências, abordagens predominantes e lacunas nas reflexões acerca das dinâmicas que produzem as desigualdades. Em um segundo momento, volto-me a indagações e formulações propostas pelo movimento feminista negro, apontando como o refinamento de seu olhar analítico e propositivo pode ser incorporado às pesquisas sociológicas.

## A CIDADE PARA AS MULHERES

*Keila Meireles dos Santos (UFF)*

Trata dos usos da cidade pela mulher e da (não)apropriação por ela dos ambientes públicos que transcende o debate para questões simbólicas, que dizem respeito aos papéis e representações sociais do feminino enquanto categoria de gênero e raça. Esse tema se justifica pelo tratamento machista e racista dado à mulher no espaço público, porque é reservado a ela o privado. As narrativas teóricas de gênero e raça e as experiências empíricas da autora são as fontes de consulta para a composição e reflexão deste estudo. Identifica-se que a história da mulher converge com a procura pelo seu lugar na sociedade. A vida cidadina implica em locomoções diárias e constata que a liberdade de ir e vir feminina é cerceada pela operacionalização do machismo e do racismo por parte do poder público, que viabiliza políticas ineficientes de inclusão de gênero nos espaços públicos, e pela violência física que a mulher sofre ou está sujeita a sofrer ao transitar pela cidade em razão das ameaças proferidas por palavras e ações de cunho machista e racista que causam medo, constrangimento e intimidação. Denunciam-se essas práticas nocivas à mulher e promovem-se reflexões acerca dos papéis atribuídos ao sujeito feminino nos espaços privado e público.

## MULHER NEGRA: O CORPO QUE DANÇA

*Lidiane Silva Ramos (IFB)*

A proposta de comunicação visa compartilhar o andamento do projeto de pesquisa “Mulher Negra: o corpo que dança”. Neste projeto discutimos particularmente sobre o corpo da mulher negra e o estereótipo da hipersexualização, marcas das representações culturais tradicionais das afrodescendentes. A memória corporal dos sujeitos de pesquisa tem sido essencial para esta resignificação, tendo em vista ser a memória como fenômeno corporal, estando em qualquer atividade sensorial como elemento constitutivo deste. No projeto, a dança constitui elemento de análise e autoanálise da condição de mulher e negra, mas sobretudo pretende-se que este mesmo elemento colabore expressivamente para um processo de resignificação do lugar de inferioridade costumeiramente imposto à dançarina negra. Algumas questões importantes na formação da identidade das mulheres negras brasileiras vêm sendo analisadas a partir de visões de autoras como Sueli Carneiro, Jacqueline Bobo e Patrícia Collins. A pesquisa está sendo realizada por meio da criação de um grupo focal com dançarinas negras, alunas do curso de Licenciatura em Dança do IFB, para compartilhar trajetórias de vida e refletir o tema; e pela montagem de um espetáculo de dança com dramaturgia central na resignificação de estereótipo da identidade negra feminina.

## OS ESPAÇOS NÃO-PERMITIDOS: MULHERES NEGRAS E PODER

*Luana Natuelle Basílio e Silva & Sabrina Faria Leal Honorácio*

Esse artigo busca perceber como são estabelecidas as relações entre mulheres negras e espaços de poder. Historicamente estes espaços estiveram ocupados por pessoas não-negras, especialmente por homens brancos. A ocupação desses espaços por mulheres negras traz consigo um conjunto de implicações que vão desde o questionamento sobre a capacidade destas em estarem nestes espaços, até processos violentos de perseguição e denúncias. Considerando as desigualdades de gênero e o racismo como facetas estruturantes da sociedade, o objetivo deste trabalho é analisar as relações que se estabelecem no ambiente institucional fazendo uma análise a partir de três estudos de caso: o da ex-Ministra da Secretaria de Políticas Para a Igualdade Racial (SEPPIR) Matilde Ribeiro; da ex-governadora do estado do Rio de Janeiro e hoje Deputada Federal Benedita da Silva; e o recente caso que ocorre na Itália com a Ministra da Integração Cécile Kyenge, de origem congoleza, que tem recebido ostensivos ataques de cunho racista e xenófobo. A partir da observação destes casos, far-se-á uma análise de como a presença das mulheres negras nos espaços de poder ainda traz consigo o legado de um racismo patriarcal que constrói imaginários sobre a capacidade destas de ocuparem estes espaços.

**SUBJETIVAÇÃO AUTÔNOMA, INDEPENDENTE E LETRADA: CONCEPÇÕES CONTRA-HEGEMÔNICAS SOBRE LINGUAGEM EM PRODUÇÕES ESCRITAS DE MULHERES NEGRAS**

*Michel Soares do Carmo (UFG)*

Esta comunicação apresenta os resultados do estudo das ideias e dos argumentos sobre linguagem e seus derivados presentes em produções de mulheres autoras autoidentificadas negras, a partir de uma perspectiva dos estudos culturais e pós-coloniais contemporâneos. Para isso, foi efetuado levantamento de produções escritas de mulheres autoidentificadas negras disponíveis em acervos online, que contivessem as palavras-chave “língua”, “linguagem”, “escrever”, “escrita”, “discurso”, “oral/oralidade” e “fala”. Foram encontradas vinte produções. Para estas escritoras, a linguagem, principalmente a escrita, por ter sido a literatura o contexto temático da maioria dos textos encontrados, é marcada pelo corpo, isto é, pela raça e pelo gênero que guiam suas escritas, mesmo que para algumas isto não deva ser considerado o foco de sua escrita, e geram nelas um tipo de subjetivação autônoma, independente e letrada.

**AFROBETIZAR NA FAVELA: A TROCA DE SABERES ENTRE OS MAIS VELHOS E OS MAIS NOVOS**

*Vanessa Menezes de Andrade (UFF)*

O tema desta apresentação é a integração da sabedoria dos mais velhos com a curiosidade dos mais novos em um contexto de favela, no caso, a favela onde eu sou nascida e vivo até hoje, o Cantagalo, situada em Ipanema, bairro nobre carioca. Usando a história oral como ferramenta metodológica, promovendo a memória como resistência ao consumismo, ao branqueamento e ao esquecimento que são propagados pela grande mídia. A troca de saberes funciona como mecanismo de valorização da autoestima e estreitamento de vínculos, através de brincadeiras, narrativas, passeios, leituras coletivas e, mais recentemente, lições de informática que os mais novos têm passado para os mais velhos. As maiores conquistas estão ligadas ao aumento do respeito e ao sentimento de que juntos somos mais fortes!

# SEÇÃO TEMÁTICA 12

## Análise de Discurso Crítica e reflexões sobre negritude, gênero e raça

*Coordenação: Jacqueline Fiuza da Silva Regis (UnB) & Fernando Cezar Oliveira (UFAL)*

*A proposta desta Seção Temática (ST) é reunir pesquisadoras e pesquisadores que em seus estudos e reflexões sobre negritude, gênero e/ou raça se apoiem na abordagem teórico-metodológica da Análise de Discurso Crítica (ADC), especialmente em sua vertente de origem inglesa (Fairclough, 1989, 1995, 2001, 2003 e Chouliaraki & Fairclough, 1999), e em seu significativo desenvolvimento no Brasil (Resende & Ramalho, 2006, 2008, 2011), mas também em qualquer outra de suas vertentes. Como a ADC, que se situa numa interface entre a Linguística e as Ciências Sociais, tem um amplo escopo de aplicação e permite abordar distintas práticas sociais, pois todas elas apresentam, em maior ou menor grau, um componente discursivo materializado em textos, esperamos reunir uma diversidade de trabalhos realizados nessa perspectiva para um enriquecedor diálogo no âmbito do Sernegra.*





**REFLEXÃO SOBRE A REPRESENTAÇÃO DA MULHER EM PROPAGANDAS TELEVISIVAS***Andréia Nunes Santana da Silveira (UnB)*

Esta proposta de comunicação oral se estrutura por meio da teoria da multimodalidade postulada por Kress & Van Leeuwen (1996), que consiste na noção de uso de uma variedade de recursos semióticos utilizados na produção do signo em contextos sociais concretos, sendo esses signos baseados em significantes como cores, perspectivas e linhas, que são utilizados na representação material dos significados. A partir desse conceito é possível pensar a maneira como os recursos semióticos são utilizados para representar discursos que estão atrelados na sociedade atual. Discursos sobre a mulher negra permeiam a mídia social, e, não por poucas vezes, perpetuam algum tipo de machismo e sexismo que estão impregnados nas pessoas, gerando assim o racismo e a discriminação. A proposta em questão surge de um artigo, produzido por mim na disciplina Introdução à Análise do Discurso. O artigo apresenta uma análise crítica sobre uma propaganda de cerveja, em que a mulher negra é representada de forma machista e sexista. O resultado da análise postulada no artigo mostra como a sociedade vê, ao longo dos anos, a mulher, e, principalmente a mulher negra. A luta da mulher negra pelo reconhecimento da sua intelectualidade, da sua dignidade como pessoa, não é uma luta de anos passados, ela é atual e persiste viva como nunca.

**IDENTIDADE DE GÊNERO NO ESPAÇO ESCOLAR: AS REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS DO FEMININO E O USO DE MODALIZAÇÕES NA FALA DA MULHER***Carolina Gonçalves Gonzales (UnB)*

A comunicação pretende apresentar questões relevantes para a discussão teórica e reflexão à luz da teoria da Linguística Sistêmico Funcional e da Análise de Discurso Crítica (ADC), em especial o uso do rótulo modalidade em análises sobre a construção das identidades de gênero em sala de aula, como essas construções identitárias são mediadas pelos discursos e qual o papel da escola no processo de reprodução, consolidação e manutenção da dominação de um gênero social sobre outro, em especial no contexto escolar.

**A CIDADANIA NA SITUAÇÃO DE RUA: UM ESTUDO DISCURSIVO CRÍTICO***Gersiney Pablo Santos (UnB)*

A questão social é complexa e aflige cidadãos em diferentes regiões do mundo. Os movimentos sociais, como espaços de resistência, agem no enfrentamento de visões de mundo hegemônicas, que naturalizam e/ou opacificam agressões sistemáticas contra a cidadania plena. Podemos observar diferentes aspectos de embate social por meio da linguagem, que realiza diferentes discursos (concretizados em textos). A Análise de Discurso Crítica (ADC) tem por objetivo a investigação de discursos – diferentes modos de representar aspectos do mundo pela linguagem (FAIRCLOUGH, 2003) – a fim de desvelar relações de prejuízo e desigualdade social. Este trabalho, vinculado ao grupo de pesquisa “Mobilização, direitos e cidadania: ação, representação e identificação no discurso” (DGP/CNPq), trata da problemática da situação de rua, na perspectiva do protagonismo de movimentos sociais. Com este trabalho, propomos discutir, por meio de análise discursiva crítica, as representações sociais da situação de rua construídas por uma ex-vendedora de ‘street paper’ a respeito de sua trajetória de luta como mulher afrodescendente advinda da situação de rua até a superação da realidade de desamparo social extremo – sendo, hoje, agente de destaque dentro do Movimento Nacional de População de Rua (MNPR).

**O WORDSMITH TOOLS COMO FERRAMENTA PARA ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA: EXERCÍCIO ANALÍTICO COM RELATOS DE PARTOS**

*Jacqueline Fiuza da Silva Regis (UnB/CAPES)*

A utilização de uma ferramenta como o Wordsmith Tools permite a realização de análise textual em quantidade, contribuindo para a interpretação até mesmo de propostas de análise qualitativa, em que um corpus com poucos e curtos textos seja considerado adequado – como é o caso de minha pesquisa de doutoramento, na qual pretendo vislumbrar, por meio da análise de relatos de partos, as representações discursivas desta prática social. Parto, neste trabalho, do pressuposto teórico da Análise de Discurso Crítica (Fairclough 1992; Chouliaraki & Fairclough, 1999; Fairclough, 2003; van Leeuwen, 2008) de que ao narrar um fato, as pessoas fazem escolhas lexicais, gramaticais e de estilo que não são neutras. Busquei neste trabalho investigar, com o auxílio da ferramenta Wordsmith Tools, o comportamento de itens lexicais selecionados desde uma lista de palavras gerada com base no corpus composto por relatos de parto, buscando responder às questões: (a) Como se identificam as autoras dos relatos com relação ao momento de seu parto? (b) Como está representada a figura da médica ou do médico obstetra nestes relatos? (c) Como estão descritas as circunstâncias dos partos relatados?

**ENTRE O DISCURSO E A PRÁXIS: A MULHER NEGRA DA COXIA AO PANTEÃO DO MOVIMENTO NEGRO**

*Maria Luiza Junior*

Analisaremos os variados discursos que motivaram a transformação da mulher negra em militante ativa no combate ao racismo, usando como referência o advento, na Bahia, do discurso reivindicatório do Movimento Negro Unificado (MNU) no final da década de 1970, intermitente com os discursos e paradigmas de outras instituições, como o Bloco Afro Ilê Aiyê; os partidos políticos; as de ordem religiosa, como a igreja católica, as neo-pentecostais e as casas de candomblé; as instituições de ensino e as de administração pública. Buscaremos alcançar qual a medida dos artifícios, e de suas eficácias, utilizados pelos dirigentes do sexo masculino para o compartilhamento e/ou controle da atuação das mulheres nos espaços do poder, a dimensão da subversão dos comportamentos de gênero numa sociedade marcada pela hierarquia racial.

# ORGANIZAÇÃO DAS SEÇÕES TEMÁTICAS



**SEGUNDA-FEIRA, 18 DE NOVEMBRO**

**ST01: Feminismo negro na encruzilhada afrobrasileira:  
interseccionalidade, diálogos e horizontes**

*Coordenação: Jaqueline Gomes de Jesus*

09h00	Apresentação da ST		
09h10	Douglas Alves Viana	Feminismo negro	UFG
09h30	Rodrigo da Silva	Feminismo negro americano: o conceito jurídico de discriminação múltipla a partir da interseccionalidade	UNIRITTER
09h50	Jussara de Cássia Soares Lopes	Ser mulher, negra e classe trabalhadora no Brasil: uma análise acerca da intersecção de gênero, raça e classe na sociedade capitalista	UFOP
10h10	Francy Eide Nunes Leal	Devaneios de uma aprendiz de antropologia	UFG
10h30	PAUSA		
11h00	Maria Aparecida Cruz de Oliveira	Deslocamentos e estratégias de resistência em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo, e Hibisco roxo, de Chimamanda Ngozi Adichie	UnB
11h20	Ana Caroline Carmo Silva	"Escrita de Si, Escrita da Outra": Cristiane Sobral e Lívia Natália	UNEB
11h40	Sandra Maria Cerqueira da Silva Mattos	Tetos de vitrais: gênero e raça na contabilidade	USP
12h00	DEBATES		

**ST02: Gênero e raça nas políticas públicas**

*Coordenação: Luciana da Luz Silva*

09h00	Antonio Gomes da Costa Neto	Educação das relações étnico-raciais: controle e avaliação de políticas públicas	UCAM - RJ
09h30	Dalila Fernandes de Negreiros	Políticas raciais: a igualdade possível	Fiocruz
10h00	Eliane Barbosa da Conceição	Políticas locais de enfrentamento a violência contra mulheres: avanços e desafios	FGV
10h30	PAUSA		
11h00	Inádira Silva de Souza	Centro de Referência da Saúde da Mulher: caso da saúde da mulher negra.	
11h30	Jose Arlindo do Nascimento	Questão social, interface da questão racial? Uma análise da inserção da mulher negra na política de habitação e cidadania no município de Ouro Preto.	UFOP
12h00	DEBATES		

**TERÇA-FEIRA, 19 DE NOVEMBRO**

14h30	Priscila Ramos de Moraes Rego	Programa Pró Equidade de Gênero: alcance e limites para as mulheres negras	PUC-RIO
15h00	Lorena Mendes de Mattos	Ensino fundamental e identidade negra: desafios de reconhecimento	UERJ
15h30	Ludmila Marques e Renata Lopes	Promoção da igualdade racial em uma instituição pública de saúde	CEPPIR-GHC
16h00	<b>PAUSA</b>		
16h30	Norma Esther Negrete Calpiñeiro	A estratégia de saúde da família como base da transversalidade de gênero e raça nas políticas públicas	Centro de Saúde 01 Gama-GDF
17h00	Priscila Ramos de Moraes Rego	A violência contra a mulher negra e o valor simbólico da Lei Maria da Penha	IFB
17h30	<b>DEBATES</b>		

**QUARTA-FEIRA, 20 DE NOVEMBRO**

09h00	Raquel Alves de Souza	E o corpo negro doente?	UnB
09h30	Robson Bastos Roen	Sobre as asas de O Anjo Negro, o Mundo do Trabalho	IFB
10h00	Sheila Dias Almeida	Mulher negra e o mercado de trabalho: desafios e perspectivas para a superação do racismo institucional	UFRJ
10h30	<b>PAUSA</b>		
11h00	Sweldma Arantes Celestino Lima	A percepção de alunas(os) cotistas sobre as relações étnico-raciais presentes na UnB	
11h30	Zora Yonara Torres Costa	“Eu, menina negra”	
12h00	<b>DEBATES</b>		

**SEGUNDA-FEIRA, 18 DE NOVEMBRO**

**ST03: Étnica e estética: o diálogo entre as tradições afrodescendentes e as linguagens artísticas**

*Coordenação: Tatiana Henrique Silva*

09h00	Katiana Dias de Oliveira	A força das energias do tambor nos rituais do candomblé	Faculdades Ipiranga
09h30	Géssica da Silva Justino	Matrizes - um olhar sobre a cultura do jongo na cidade do Rio de Janeiro	UFRJ
10h00	Alice Fonseca Nunes	Poéticas combativas: Teatro da oprimida e Feminismo negro	UNESP
10h30	<b>PAUSA</b>		
11h00	Anderson Diego da Silva Almeida	O etnodesign a partir da memória e representação da coleção perseverança	UFAL
11h30	Tatiana Henrique Silva	Performances e memórias do candomblé no teatro	
12h00	<b>DEBATES</b>		

**ST04: Diásporas negras no contexto latino-brasileiro: fluxos identitários, gênero e globalização**

*Coordenação: Glória Maria Santiago Pereira*

09h00	Cândida Beatriz Alves	Reflexões preliminares sobre migração haitiana para o Brasil e questões de gênero	IFB
09h30	Cauê Gomes Flor	Etnização: etnografando na diáspora	UFSCar
10h00	Júlia Porphirio Orioli	Identidade cultural na diáspora africana: uma reflexão sobre os conceitos de mestiçagem, crioulo e luso-africano	UnB
10h30	<b>PAUSA</b>		
11h00	Glauco Vaz Feijó	Um imigrante negro brasileiro em Portugal e na Alemanha: a marca da raça na construção de narrativas de identidades nacionais	IFB
11h30	Glória Maria Santiago Pereira	Diáspora(s) negra(s), subjetividade e identidade: um olhar pan-africanista	UCB
12h00	<b>DEBATES</b>		



**TERÇA-FEIRA, 19 DE NOVEMBRO**

14h30	Joana Bahia	Candomblé em terras alemãs	UERJ
15h00	José de Ribamar Sousa Pereira	Migração e cooperação internacional Brasil-África: implicações na desigualdade racial e econômica	UCAM
15h30	Dennys da Silva Reis	Diáspora tradutória oitocentista: o caso dos tradutores negros lusófonos	UnB
16h00	<b>PAUSA</b>		
16h30	Kátia Cilene do Couto	Haitianos em Manaus: entre discursos e práticas	UFAM
17h00	Leonardo Cavalcanti	Segmentação étnico-racial em contextos migratórios. Uma aproximação ao caso dos migrantes brasileiros retornados da Espanha	UnB
17h30	<b>DEBATES</b>		

**SEGUNDA-FEIRA, 18 DE NOVEMBRO**

<b>ST05: Literaturas africanas e literatura negra brasileira: crítica e ensino</b>			
<i>Coordenação: Rosilene Silva da Costa</i>			
09h00	Júlia Parreira Zuza Andrade	As interfaces entre literatura adulta e infanto-juvenil nas obras de Mia Couto e Luandino Vieira	Univ. de Coimbra
09h30	Luciano Lourenço da Silva	As mãos dos pretos e negrinha: o preconceito visto pelo olhar pouco lúdico das crianças	UNOPAR
10h00	Ana Cláudia da Silva	Literatura e educação para as relações étnico-raciais: paisagens na educação a distância	UnB
10h30	<b>PAUSA</b>		
11h00	Lukelly Fernanda Amaral Gonçalves	A personagem feminina Dona Munda, do romance Venenos de Deus, Remédios do Diabo, de Mia Couto	UFOP
11h30	Irineia Lina Cesario	O espelho: reflexo do diálogo entre o amor feminino e masculino em Niketche – uma história de poligamia de Paulina Chiziane	USP
12h00	<b>DEBATES</b>		

**TERÇA-FEIRA, 19 DE NOVEMBRO**

14h30	Bárbara Araújo Machado	Memória, literatura e uma outra história afro-brasileira: uma análise da obra de Conceição Evaristo	UFF
15h00	Douglas Rodrigues de Sousa	“Sou negra, ponto final”: a construção identitária negra feminina na poética de Alzira Rufino	UnB
15h30	Maria Cristina Maciel Marques	Protagonismo feminino e negro: reivindicando a alteridade	UnB
16h00	<b>PAUSA</b>		
16h30	Marcelo Ferraz de Paula	A (re)escrita do cânone literário brasileiro após a lei nº 11.645/2008: desafios e perspectivas	UFG
17h00	Marcos Vinicius Caetano da Silva	O negro na nação pré-modernista em contos de Lima Barreto e Monteiro Lobato	UnB
17h30	<b>DEBATES</b>		

**SEGUNDA-FEIRA, 18 DE NOVEMBRO**

<b>ST06: Gestão de políticas públicas: a transversalidade de gênero, raça e classe</b>			
<i>Coordenação: Marjorie Nogueira Chaves e Renísia Cristina Garcia Filice</i>			
09h00	Débora Nascimento de Sousa	Construindo ações afirmativas nas perspectivas de gênero, raça e classe: o caso da UNILAB	UNILAB
09h30	Ana Lucia Aguiar Melo	Programa de ações afirmativas na UFSM: acesso e permanência	UFSM
10h00	Roberta Rodrigues Rocha Pitta	A mulher negra nos livros didáticos	UERJ
10h30	<b>PAUSA</b>		
11h00	Dayane Nayara Conceição de Assis	Transversalidade de gênero e raça nas políticas públicas: o desafio da interseccionalidade	UFMG
11h30	Marília Sorrini Peres Ortiz	Desvendando sentidos e usos para a perspectiva de interseccionalidade nas políticas públicas brasileiras	FGV
12h00	Ana Carolina Laureano Brandão	“A carne mais barata do mercado é a carne negra”: uma análise sobre a estratificação social por gênero e raça no Brasil	UnB
12h30	<b>DEBATES</b>		

**SEGUNDA-FEIRA, 18 DE NOVEMBRO**

**ST07: Entrecruzamentos de negritudes, dissidência sexual e de gênero: a própria casa da diferença**

*Coordenação: Tatiana Nascimento dos Santos e Wanderson Flor do Nascimento*

08h23	Tatiana nascimento dos santos	Traduzir é ressignificar: Audre Lorde (re)traduzindo Zami y biomitografia, & ressignificando lesbiandade negra diaspórica	UFSC
08h45	Marcos Antonio Oliveira	A cidade das mulheres: sobre Ruth Lander	UFRB
09h07	Poliana Mendes Martins	Contexturas de memória e resistência nos poemas de Conceição Evaristo, Cristiane Sobral e tatiana nascimento	UnB
09h30	Marcelo Caetano da Costa Zoby	“Para de mentir, moleque!”: violência policial e repressão de um homem transexual de negro	UnB
09h50	<b>DEBATES</b>		
10h30	<b>PAUSA</b>		
11h03	Daniel de Jesus dos Santos Costa	Para além das cores do arco-íris: as (in)visibilidades das identidades dos corpos negros transviados a partir do filme Tongues Untied (1989)	UnB
11h25	John Andrew Mundell	“Negão na cabine, pivetão na pista”: homossociabilidades gays étnico-raciais em Salvador	CEAO-UFBA
11h47	Selma Maria da Silva	A narrativa de autoria feminina na literatura negra brasileira	FAETEC-SEEDUC
12h10	<b>DEBATES</b>		

**SEGUNDA-FEIRA, 18 DE NOVEMBRO**

<b>ST08: Mídia, racismo e representações sociais</b>			
<i>Coordenação: Kelly Tatiane Martins Quirino e Ruth Meyre Rodrigues</i>			
09h10	Melina Sousa da Rocha	Discursos e representações sobre os negros e a África nos manuais escolares de língua portuguesa	UFMG
09h30	Clarice Vieira	A questão racial e cultura afro-brasileira: um estudo acerca dos livros didáticos	IFB
09h50	Cynthia Roberta dos Santos	Representação do racismo à brasileira na literatura de cordel	UFAL
10h10	<b>DEBATES</b>		
10h30	<b>PAUSA</b>		
11h00	Jéssica Mara Raul	As mulheres das classes perigosas: mídia, estereótipo e políticas públicas	UERJ
11h20	Saulo Vinícius de Souza Simão	A influência da sociedade na formação da conduta de crianças e jovens	IFB
11h40	Aline Maia Nascimento	Os novos capitães do mato? Uma abordagem das relações raciais entre policiais negros para com civis negros	UnB
12h00	<b>DEBATES</b>		

**TERÇA-FEIRA, 19 DE NOVEMBRO**

14h00	Anne Caroline de Souza Quiangala João	Representação da mulher negra nas histórias em quadrinhos mainstream	UnB
14h20	Renata Rodrigues Lopes e Thais Silveira	A mídia que nos representa	Editora Pérola Negra
14h40	Verônica Soares da Silva	Representação do negro na TV brasileira: estudo de caso do Jornal Nacional, de campanhas publicitárias na perspectiva do Estatuto da Igualdade Racial	Câmara Legislativa
15h00	Isabela Bentes Abreu Teixeira	A construção identitária dos sujeitos usuários de drogas: mídia, ilegalismos e representações	UnB
15h20	<b>DEBATES</b>		
16h00	<b>PAUSA</b>		
16h30	Lorena Moraes Rodrigues	Perfil dos jornalistas mirins do jornal científico "Diário da Cachoeira", da Escola Estadual Ministro José Rabelo, na cidade de Cachoeira/BA	UFRB
16h50	Alan Santos de Oliveira	Blogs contra o racismo na perspectiva da contra-hegemonia	SEEDF
17h10	Charô Nunes e Larissa Santiago	As blogueiras negras estão aqui	
17h30	<b>DEBATES</b>		

**QUARTA-FEIRA, 20 DE NOVEMBRO**

09h10	Maíra Zenun de Oliveria	Cinema negro africano: a representação da mulher no FESPACO	UnB
09h30	Kelly Cardoso da Silva	Mulheres negras, representações e afetividade: uma análise fílmica de Bendito Fruto	UnB
09h50	Kelly Cardoso da Silva	Representações sociais da mulher negra no hip hop: uma análise do filme Antônia	UFG
10h10	<b>DEBATES</b>		
10h30	<b>PAUSA</b>		
11h00	Cleonice Petroni	Lidando com o cabelo crespo: experiência racial de jovens negras	UFMT
11h20	Juliana Rodrigues de Sousa	Cultura visual e protagonistas negras: representações visuais das mulheres negras na primeira pessoa do plural	UnB
11h40	Esther Pinto Lima	Representação das mulheres negras: propagandas veiculadas pelo Ministério da Saúde, uma análise histórico-cultural acerca da identidade	UnB
12h00	<b>DEBATES</b>		

**ST09: CANCELADA**

**TERÇA-FEIRA, 19 DE NOVEMBRO**

<b>ST10: Arte e identidades negras</b>			
<i>Coordenação: Nelma Cristina Silva Barbosa</i>			
14h00	Ana Carolina de Albuquerque Costa	O espaço do dançarino negro na dança	IFB
14h30	Elisama Gomes dos Santos e Selma Moura Tavares	Projeto Do Descarte à Arte: capacitando mulheres negras internas do sistema penitenciário do Distrito Federal na produção de adereços para a valorização da identidade Afro-Brasileira	IFB-CGAM
15h00	Êrika Fernandes Cruvinel e Nanci Ferreira	Corporificando e expressando a negritude no caminhar pela vida através da biodança: uma experiência com mulheres negras do sistema prisional do Distrito Federal	IFB
15h30	Jadiel Ferreira dos Santos	Corpo e memória: a dança afro na formação de professores	UFAL
16h00	<b>PAUSA</b>		
16h30	Maria do Socorro Silva Aquino de Deus	A retomada do passado africano proposta pelo bloco afro Ilê Aiyê	UNEB
17h00	Rosane de Assis Barbosa	Linguagem de "Um Lugar" - a dança como elemento de identidade	UFRRJ / FAV
17h30	Verônica Diano Braga	Guerreiras do RAP: a invisibilidade da mulher negra produtora de cultura hip hop do Distrito Federal e Entorno	Faculdade ICESP-DF
18h00	Nelma Cristina Silva Barbosa de Mattos	Arte africana contemporânea: primeiros olhares	CEAO-UFBA

**SEGUNDA-FEIRA, 18 DE NOVEMBRO**

<b>ST11: Corpos plurais: gênero, raça e experiência social</b>			
<i>Coordenação: Bruna Cristina Jaquetto Pereira e Ana Cláudia Jaquetto Pereira</i>			
09h00	Ana Nery Correia Lima	“Corpos marcadas/os por gênero e raça”: experiências de mulheres negras militantes em São Luís – MA.	UFMA
09h30	Andressa Marques da Silva	Tecendo amores e rimando identidades: a experiência afetiva de jovens negras no rap brasileiro	
10h00	Lidiane Silva Ramos	Mulher Negra: o corpo que dança	IFB
10h30	<b>PAUSA</b>		
11h00	Michel Soares do Carmo	Subjetivação autônoma, independente e letrada: concepções contra-hegemônicas sobre linguagem em produções escritas de mulheres negras.	UFG
11h30	Vanessa Menezes de Andrade	Afrobetizar na favela: A troca de saberes entre os mais velhos e os mais novos	UFF
12h00	<b>DEBATES</b>		

**TERÇA-FEIRA, 19 DE NOVEMBRO**

14h00	Ana Cláudia Alves Azevedo e Leticia Érica Gonçalves Ribeiro	Ações de desconstrução dos preconceitos racista-sexistas	IFG
14h30	Fernanda Britto Pinheiro Cerqueira	Processos de subjetivação e de saúde mental de mulheres negras: o impacto do racismo	UniCeub
15h00	Fernanda Lopes Bento Xavier	Problematização do corpo negro a partir da percepção de usuários e profissionais de uma unidade básica de saúde	UnB
15h30	Kauara Rodrigues Dias Ferreira	Direitos reprodutivos: dinâmicas e experiências de mulheres negras	UnB
16h00	<b>PAUSA</b>		
16h30	Keila Meireles dos Santos	A cidade para as mulheres	UFF
17h00	Luana Natielle B. e Silva e Sabrina Faria Leal Honorácio	Os espaços não-permitidos: mulheres negras e poder	
17h30	<b>DEBATES</b>		

**SEGUNDA-FEIRA, 18 DE NOVEMBRO**

<b>ST12: Análise de Discurso Crítica (ADC) e reflexões sobre negritude, gênero e raça</b>			
<i>Coordenação: Jacqueline Fiuza da Silva Regis e Fernando Cezar Oliveira</i>			
09h00	Andréia Nunes Santana da Silveira	Reflexão sobre a representação da mulher em propagandas televisivas	UnB
09h30	Carolina Gonçalves Gonzales	Identidade de gênero no espaço escolar: as representações discursivas do feminino e o uso de modalizações na fala da mulher	UnB
10h00	Gersiney Pablo Santos	A cidadania na situação de rua: um estudo discursivo crítico	UnB
10h30	<b>PAUSA</b>		
11h00	Maria Luiza Junior	Entre o discurso e a práxis: a mulher negra da coxia ao panteão do movimento negro	
11h30	Jacqueline Fiuza da Silva Regis	O wordsmith tools como ferramenta para análise de discurso crítica – exercício analítico com relatos de partos	UnB
12h00	<b>DEBATES</b>		





SINDGTUR

**ibase.**  
Instituto Brasileiro de  
Análises Sociais e Econômicas

CINE  
BRASÍLIA

 SINASEFE

livraria  
cultura

 **PALMARES**  
FUNDAÇÃO CULTURAL

 **INSTITUTO FEDERAL  
BRASÍLIA**